

# Câmpus em obras

**Infraestrutura** Para dar conta de administrar obras no valor de R\$ 39 milhões, como as do novo RU e da lancheria do Setor IV do Câmpus do Vale (foto), a Superintendência de Infraestrutura da UFRGS precisa superar o déficit de engenheiros e a burocracia da Prefeitura de Porto Alegre na liberação de licenciamentos.

*Página 7*



FOTOS: FLAVIO OUTRA/JU

URBANISMO

Arquitetos pedem melhoria de espaços públicos das cidades

## O peso da caligrafia em tempos de escrita digital

Embora o universo tipográfico digital ofereça todos os desenhos de letras, e hoje não se fale no exercício da caligrafia para uma 'bela letra', os livros didáticos insistem na importância da legibilidade. Talvez por isso, pessoas como Elvira Kern, calígrafa profissional, ainda encontrem espaço para exercer sua arte. Ex-professora de música, ela já perdeu a conta de quantos convites de casamento e de formatura preencheu com a escrita cursiva comercial inglesa, um dos dois tipos de letra para escrita à mão que aprendeu há cerca de dez

anos. Conforme a doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS Patrícia Camini, no Brasil, a maioria dos professores fica constrangida ao contar que dá tarefas de caligrafia em suas aulas. Isso porque se trata de um exercício mecânico e nada lúdico. A saída é aliar os movimentos repetitivos a atividades que ajudem a desenvolver a motricidade, tais como jogos de ligar os pontos. Mas, a caligrafia ganha força quando nem o próprio autor consegue compreender o que escreveu. **P. Central**



**P4**

ACESSO À INFORMAÇÃO

Lei tem problemas com a burocracia e a falta de uma cultura de transparência

**P5**

**Campanha eleitoral**  
Cientista político analisa as alianças partidárias **P2**

**Nelson Rodrigues**  
Um mestre que revolucionou as artes cênicas do país **P12**

MEDICINA

Valorização da espiritualidade

Uma iniciativa do Hospital de Clínicas de Porto Alegre reconhece a importância do respeito aos credos e valores espirituais no tratamento dos pacientes. Desde o início deste ano, o HCPA mantém um cadastro para atender às solicitações de acompanhamento religioso ou espiritual de pacientes e seus familiares. Até agora, dez instituições já se cadastraram: Zen-budista, Espírita, Israelita, Luterana, Episcopal, Adventista, Católica, Universal e Brasil para Cristo. A ideia do serviço surgiu a partir de um encontro realizado em 2007. **P11**

MERCADO EDITORIAL

O alto custo dos e-livros

Apesar do aumento dos catálogos, o preço dos livros eletrônicos ou e-livros tem surpreendido os leitores brasileiros. O principal argumento dos editores, para que os livros digitais tenham um preço em média somente 30% menor do que as versões impressas, é o custo com as traduções, a diagramação e a revisão. "Não é porque é digital que a tradução vai deixar de custar entre US\$ 10 mil e US\$ 15 mil", diz o sócio da editora L&PM Ivan Pinheiro Machado. Além disso, no mercado nacional a venda de obras digitais não chega a 1% do faturamento. **P13**

## Espaço da Reitoria

João Edgar Schmidt  
Pró-reitor de Pesquisa

# Pesquisa: excelência e internacionalização da UFRGS

O grande desafio que se apresenta hoje para a nossa comunidade universitária, e em especial para os pesquisadores, é dar amplitude à nossa atuação individual e coletiva na construção da melhor universidade do Brasil, conduzindo a UFRGS a um patamar de Classe Mundial.

Desde muito cedo, os colegas que iniciaram a pesquisa na UFRGS acreditavam, assim como nós, que a pesquisa – para além do desenvolvimento do saber – é um instrumento renovador da qualidade acadêmica dos docentes e técnicos administrativos, com óbvias repercussões na formação discente. A evolução da pesquisa na Universidade foi tanta que hoje somos considerados um dos melhores centros de pesquisa e de ensino de graduação e de pós-graduação do país obtendo, por via de consequência, grande reconhecimento internacional. Nesse sentido, é emblemática a recente conquista dos pesquisadores da UFRGS contemplados com o maior apoio à pesquisa da história em chamadas do CT-

INFRA/Finep, destacadamente a frente das melhores instituições nacionais.

Todavia, podemos e devemos ir muito além, pois nossa trajetória vitoriosa nos permite dar saltos maiores!

Na perspectiva da pesquisa, para alcançarmos a meta estabelecida “UFRGS Classe Mundial”, precisamos ajudar a pavimentar algumas estradas e desobstruir outras, para que o fluxo do fazer científico e tecnológico se acelere. Entre essas estão as vias que levam a uma desburocratização do desenvolvimento da pesquisa no país, as que ampliam o investimento em ciência e tecnologia (em franca desaceleração neste momento de crise mundial), as que melhoram significativamente o ensino básico do Brasil e aquelas que ampliam a capacidade operacional da pesquisa na própria UFRGS.

Do ponto de vista da comunidade pesquisadora, há que se considerar dois aspectos importantes sobre os quais ela deve se debruçar de forma mais enfática para que a Universidade avance ainda mais

rápido em qualidade. Primeiramente, é necessário internacionalizar os recursos humanos que atuam em pesquisa, dando muito mais amplitude e articulação ao que fazemos. Ou seja, conquistar profissionais de alto nível para trabalhar conosco, lado a lado, como pesquisadores convidados, pós-doutores ou outros, diversificando assim as contribuições intelectuais para o saber científico e tecnológico aqui desenvolvido. O segundo aspecto é necessariamente vinculado ao primeiro, pois se constata que deve ser tarefa de todos incrementar as colaborações internacionais e, concomitante e necessariamente, internacionalizar a língua utilizada nas salas de aula e nos laboratórios de pesquisa.

É óbvio que muitas outras ações também contribuem para o avanço almejado, mas abrir nossos espaços de pesquisa para o mundo é um importante aspecto desse conjunto.

A UFRGS entre as 100 melhores do mundo em ... 2015? Será a nossa nova grande conquista!

**UFRGS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha,  
Porto Alegre - RS | CEP 90046-900  
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

**Reitor**  
Carlos Alexandre Netto  
**Vice-reitor**  
Rui Vicente Oppermann  
**Chefe de Gabinete**  
João Roberto Braga de Mello  
**Secretário de Comunicação Social**  
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE  
Publicação mensal da Secretaria de  
Comunicação Social da UFRGS  
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497  
Email: jornal@ufrgs.br

**Conselho Editorial**  
Cassiano Kuchembecker Rosing, Cesar Zen Vasconcellos, Dalro José Nunes, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello, Maria Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Luce Kuse, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissera  
**Editora**  
Ánia Chala  
**Repórteres**  
Everton Cardoso, Jacira Cabral da Silveira e Samantha Klein  
**Projeto gráfico**  
Juliano Bruni Pereira  
**Diagramação**  
Kleiton Semensatto da Costa  
**Fotografia**  
Flávio Dutra  
**Revisão**  
Ánia Chala  
**Bolsistas**  
Bibiana Guaraldi, Priscila Daniel e Priscila Kichler Pacheco (jornalismo)  
**Circulação**  
Márcia Fumagalli  
**Fotolitos e impressão**  
Gráfica da UFRGS  
Tiragem 12 mil exemplares  
facebook.com/jornaluniversidade  
@jornalufrgs

## Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

### Aniversário da Engenharia

No mês de agosto, a Escola de Engenharia completará 116 anos de atividade. Gostaríamos de saber se há interesse em abordar o assunto na próxima edição do Jornal. Achemos interessante também ressaltar que a Escola conta, desde março, com perfis no Facebook (facebook.com/engenhariaufrgs) e no Twitter (@engUFRGS), o que contrasta com a tradição da instituição frente a contemporaneidade do tema redes sociais.

► **Paulo Fernando Z. Bueno, técnico administrativo em Educação; Christine Hartmann Leopardo, bolsista de Comunicação Social da Escola de Engenharia**

## Memória da UFRGS

ACERVO LUME / UFRGS



# 1910

No mês em que a Engenharia completa 116 anos, esta imagem da biblioteca, então situada no prédio da esquina da avenida João Pessoa com a rua Sarmento Leite, serve de pretexto para saudar o trabalho de todos os que colaboraram para a consolidação da Escola como uma das melhores do país.

## Artigo

# Alianças partidárias: “diga-me com quem andas e te direi quem és”?

A abertura do calendário eleitoral de 2012 foi marcada pela repercussão das movimentações partidárias visando à formação de alianças para as disputas pelas prefeituras municipais. Se coalizões partidárias são fenômenos corriqueiros em democracias, a foto de Lula com Maluf em São Paulo, o debate do PP gaúcho sobre possível aliança com o PC do B e a caça aos pequenos partidos para ampliar o tempo dos principais candidatos no horário eleitoral gratuito, terminaram por reforçar o mantra do declínio das ideologias e a inevitabilidade de uma vocação fisiológica dos partidos brasileiros. Ideologias não contam mais? Coalizões partidárias eleitorais são necessariamente fisiológicas? Tudo se resume a aumentar o tempo dos candidatos no horário eleitoral gratuito?

Antes de entrar em um exame dos fatores que estariam alimentando estratégias eleitorais pelos partidos brasileiros, parece necessário reafirmar duas premissas: (1) coalizões partidárias são fenômenos frequentes nas melhores democracias e não podem ser julgadas de modo simplório como correspondendo a um “vale-tudo” eleitoral. Muitas democracias possuem padrões *consociativos* (LIJPHART, 2003), caracterizados por fragmentação e multipartidarismo. Por isso, para disputar eleições, formar governos e dar-lhes apoio legislativo, são formadas – não raro grandes – alianças partidárias, o que contribui para promover partilha de poder e moderação política. Embora a dimensão esquerda/direita tenha uma centralidade nas poliarquias contemporâneas, outras clivagens podem constituir base para coalizões consistentes

programaticamente: governo/oposição, religião, acordos sobre programas de políticas públicas (gestão pública, meio ambiente). (2) A distribuição do tempo no horário eleitoral gratuito, com base na representação de cada partido, conforme sua última votação federal, constitui um critério altamente democrático, pois faz do voto do eleitor a medida para a força de cada legenda, ao mesmo tempo que contribui para reforçar partidos nacionais, uma vez que utiliza a representação obtida na Câmara dos Deputados, e não aquela conquistada nos colégios municipais. Portanto, não é aqui (coalizões, tempo de TV) que reside o problema.

A observância de critérios de proximidade ideológica na formação de alianças eleitorais é tanto maior, quanto mais os partidos percebam que eleitores estejam dispostos a punir a violação dessas fronteiras constituídas por ideologias e identidades políticas. Em 1986, PDT e o então PDS aliaram-se, visando à eleição para o governo gaúcho. Esta estratégia supunha que a soma dos votos dos dois partidos seria suficiente para conquistar o executivo estadual. Contudo, Aldo Pinto, o candidato da coalizão PDT/PDS fez votação inferior a que havia sido obtida pelos dois partidos somados, quatro anos antes, revelando que parte significativa de seus eleitores rejeitava uma aliança entre partidários do regime militar e trabalhistas, apenas um ano após a transição para o governo civil.

Quando falamos em “partidos fortes”, estamos nos referindo a organizações baseadas em militância voluntária, cotizações como base para financiamento partidário e bandeiras ideológicas. O que nem sempre percebemos é que estamos falando de

um fenômeno temporalmente datado, circunscrito a uma idade de ouro dos chamados partidos de massa, geograficamente localizada na Europa ocidental. Fortes identidades societárias (classe social, confissões religiosas, interesses regionais) consolidadas antes mesmo da introdução do sufrágio universal, foram a matéria prima para a formação de eleitorados pré-dispostos a responder a apelos ideológicos bem delimitados e, principalmente, a punir a transgressão de seus representantes em relação a esses valores políticos. Partidos ideológicos tiveram como base o temor em relação à punição eleitoral promovida por eleitores ideológicos. Da mesma forma, coalizões eleitorais delimitadas a contornos ideológicos dependem de eleitores dispostos a constranger os partidos a alianças dentro de suas respectivas famílias ideológicas.

A legislação eleitoral brasileira oferece sua contribuição para incrementar o custo da formação de identidades políticas e partidárias pelos eleitores. Com reduzidas exigências não somente para a formação de legendas partidárias, mas para o acesso destas a recursos eleitorais preciosos (tempo no horário eleitoral gratuito), o resultado é a multiplicação de siglas, sem correspondência com votos e eleitores. A consequência é o aumento na dificuldade para o eleitor discernir o significado de cada legenda e constituir vínculos de identidade estáveis em relação a elas.

Fator relevante que deve ser levado em conta diz respeito ao impacto do federalismo sobre a competição eleitoral. O Brasil possui um complexo modelo de governo dividido, horizontal (separação de poderes entre Executivo, Legislativo e Judiciário) e

verticalmente (governo federal, governos estaduais em 26 estados e Distrito Federal e governos locais em mais de 5,5 mil municípios). Considerando a extensão e diversidade regionais, é de se esperar que a força dos partidos e a dinâmica da competição eleitoral variem de estado para estado, ou conforme as características peculiares em cada município. Isto é próprio de Estados federativos e não cabe algum tipo de engenharia corretiva, como foi o caso da malfadada “verticalização das coligações eleitorais”, produto de uma peculiar interpretação de nossa Constituição, promovida pelo Judiciário. A consequência é que a fisionomia dos partidos tende a variar, segundo peculiaridades (culturais, sociais, econômicas, históricas) de cada colégio eleitoral estadual ou municipal. Os principais partidos não apresentam características uniformes, de estado para estado. Nem mesmo o PT – antes padronizado segundo o figurino de sua seção paulista – é o mesmo, em cada um dos municípios brasileiros.

Mais uma vez, é importante sublinhar: partidos são agentes maximizadores de votos e tendem a expandir o espaço onde buscam seus sufrágios. Contudo, serão mais ciosos das fronteiras ideológicas ou programáticas de suas alianças eleitorais, quanto mais percebam que os votos que possam ganhar com alianças ideologicamente inconsistentes são inferiores às perdas geradas pela punição de seus eleitores tradicionais.

**André Marenco**  
Professor do Programa de Pós-graduação em  
Ciência Política e membro do Consun

## Patrimônio

## Acessibilidade para o Parobé

Nos próximos meses, os frequentadores do antigo Parobé, no Câmpus Centro, irão se deparar com obras que devem adequar o prédio à legislação de acessibilidade universal. Segundo o professor André Luis Martinewski, secretário do Patrimônio Histórico da UFRGS, serão construídas rampas de acesso e elevadores e será feita a adaptação dos sanitários para cadeirantes.

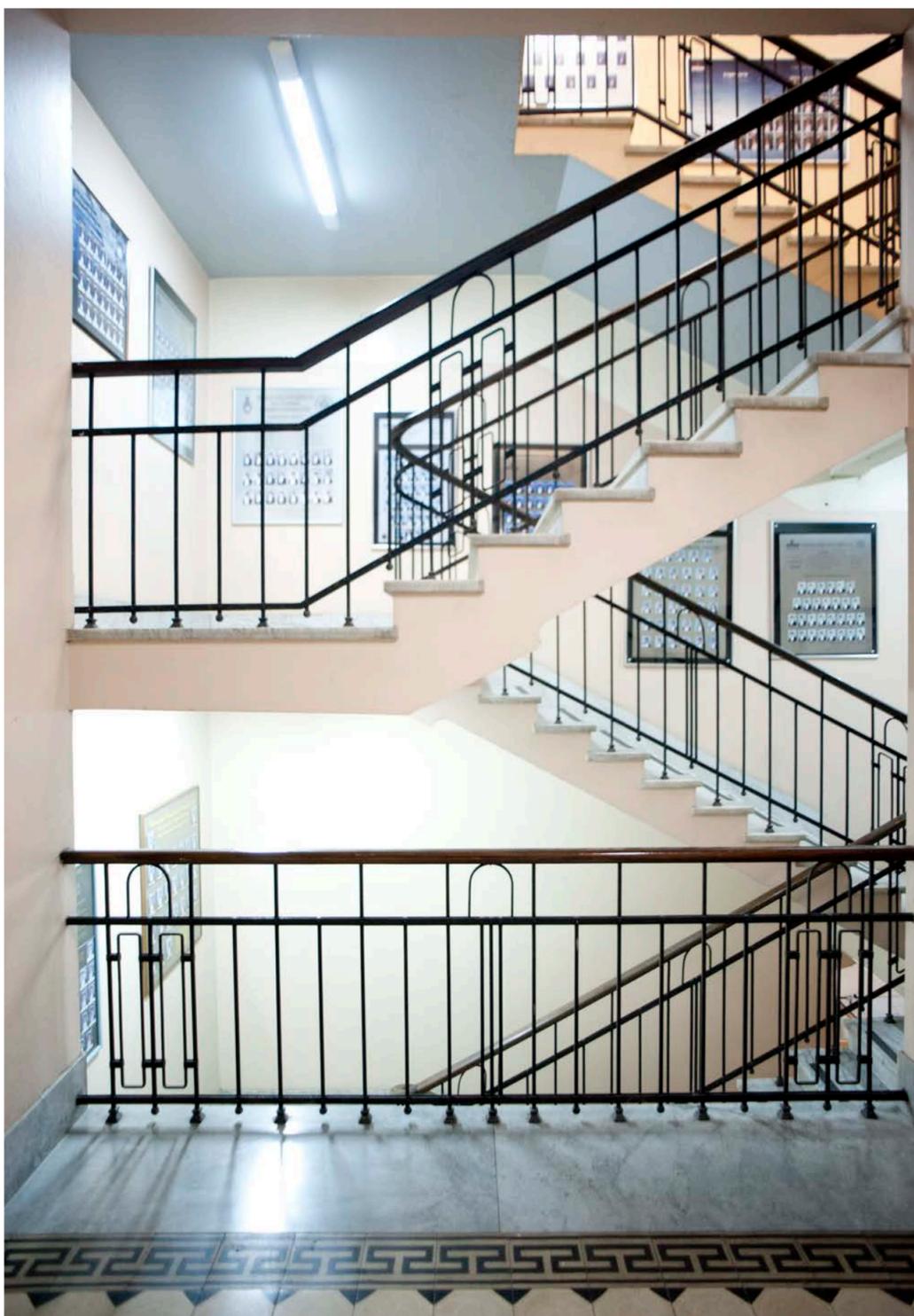
A iniciativa ocorre graças ao investimento da Companhia de Gás do Estado do Rio Grande do Sul (Sulgás), empresa que deverá bancar 20% do total do custo desta parte do restauro. “A recuperação total do Parobé tem um valor muito elevado, e não tínhamos expectativa de atingir a captação mínima para obter os recursos necessários às obras. Então, solicitamos ao Ministério da Cultura uma redução de metas para permitir que pelo menos fossem feitas obras de adequação com relação à acessibilidade universal. Agora, estamos em fase de captação de novas doações”, explica.

O prazo para a captação de recursos se estende até o final do ano, e Martinewski adianta que a Universidade deverá abrir licitação para a realização das obras neste semestre.

**Histórico** – Erguido entre 1925 e 1928, o prédio foi projetado pelo engenheiro e arquiteto holandês Chrétien Hoogenstraaten. Inicialmente, abrigou o antigo Instituto Técnico Profissional Benjamin Constant, instituição fundada em 1906 e que foi a mais importante escola técnica do Rio Grande do Sul. Hoje a edificação abriga, além do Museu do Motor, as aulas do curso de Engenharia Mecânica da Universidade.

O secretário adianta que a destinação do prédio ainda não está definida. “Há uma grande demanda por salas de aula, mas estamos no terreno da especulação. A definição do que irá ser instalado por lá passará pela reitoria e pela Escola de Engenharia.”

Até o final do ano, pessoas físicas ou jurídicas podem fazer doações para o restauro do prédio, deduzindo parte do valor doado do Imposto de Renda devido, respeitados os limites definidos na legislação vigente. Mais informações pelo telefone 3308-3018.



ELIANO DUFRAY/UFPA

## Graduação

## Programa Institucional de Incentivo à Docência promove seminário

Em 17 de agosto, a Pró-reitoria de Graduação da UFRGS promoverá um seminário para reunir os integrantes do Programa Institucional de Incentivo à Docência (Pibid). Durante o encontro, coordenado pelo professor Samuel Bello, haverá palestras, oficinas e grupos de trabalho com o objetivo de integrar bolsistas, coordenadores e supervisores ligados ao Programa, que reúne atualmente 220 bolsistas distribuídos em 19 projetos.

Conforme o coordenador, este é o terceiro de uma série de quatro eventos que a Universidade vem

realizando desde março. “O seminário foi organizado em parceria com o Programa Observatório da Educação: Escreituras da Faced e terá a presença de Carmen Neves, diretora de Educação Básica Presencial do MEC, que fará a conferência de abertura”, diz o professor Bello. A programação inclui ainda grupos de discussão sobre temas como interdisciplinaridade na escola e o lançamento de produções bibliográficas na área das licenciaturas, em especial do livro “Iniciação à Docência em Teatro”, além de uma apresentação teatral com entrada franca.

Criado em 2007, o Pibid tem recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e conta com a cooperação da Secretaria de Educação do RS, que permitem a realização de ações didático-pedagógicas nas escolas da Rede Pública Estadual na cidade de Porto Alegre. Com ênfase inicial no ensino de Ciência e Matemática, hoje, a maior parte dos novos projetos está concentrada nas áreas de Letras (francês e espanhol), Dança e Educação Física. Mais detalhes sobre o evento pelo site [www.ufrgs.br/pibid](http://www.ufrgs.br/pibid).

## Reconhecimento

## Alunos do IA integram Orquestra Jovem mundial

Os irmãos Ariel e Gabriel Santos Polycarpo, alunos de violino e viola do Departamento de Música do Instituto de Artes da UFRGS, da classe dos professores Fredi Gerling e Hella Frank, foram os primeiros brasileiros selecionados para participar desta orquestra, composta de jovens de todo o mundo. Sob a regência do maestro Damiano Giuranna, a Orquestra fará uma turnê pela China, entre 12 de setembro e 5 de outubro, após concerto

em Roma. Além disso, os músicos participarão de masterclasses com renomados artistas internacionais. A Orquestra Jovem Mundial foi fundada em 2001 pela associação cultural italiana MusicaEuropa e escolhida como Embaixadora da Unicef. Graças à sua representação internacional e à sua capacidade de testemunhar ideais de paz, fraternidade e juventude, recebeu suporte de muitas personalidades e entidades. Os jovens

membros da Orquestra Jovem Mundial, representantes dos cinco continentes, personificam estes ideais, levando uma mensagem de fraternidade ao mundo. Os projetos do grupo incluem treinamento em alto nível artístico, participação em eventos musicais internacionais, masterclasses com artistas e professores de reconhecimento internacional, fortalecendo valores multiculturais e humanos por meio da linguagem universal da música.

## Evento

## Ética e Direitos Humanos em III Atos

De 4 a 10 de agosto, o Curso de Especialização Ética e Educação em Direitos Humanos da Faculdade de Educação da UFRGS (Faced) e a Fundação Escola Superior do Ministério Público (FMP) promovem o evento Ética e Direitos Humanos em III Atos: aula, minicurso e conferência com o professor Thomas Kesselring, da Universidade de Berna, Suíça. Kesselring foi professor-visitante na UFRGS, participando de projetos de alfabetização na periferia de Porto Alegre. No dia 4 de agosto, na sala 101 da Faced, o professor ministrará a aula Ética, Violência e Direitos Humanos, das 8h às 12h. Nos dias 7, 8 e 9, das 19h às 22h, ele irá realizar o minicurso Humano na sede da FMP. Fechando a programação especial, no dia 10 de agosto, às 19h, no Salão Nobre da Faculdade de Direito, Kesselring fará a conferência Ética e Direitos Humanos. O encontro terá como debatedores os professores Domingos Sávio Dresch da Silveira e Mauro Luiz Silva de Souza, com mediação de Luiz Carlos Bombassaro. A conferência é aberta ao público em geral, com entrada franca. Informações pelo telefone 3308-3496 ou pelo site [www.ufrgs.br/faced/especializacao/edh](http://www.ufrgs.br/faced/especializacao/edh).



UFRGS TV

## Especial StudioClio

## Entre cravos e violinos: um passeio pelo Barroco italiano

O programa *StudioClio* da UFRGS TV apresenta o Orfeão Sonatas Italianas, com o violinista Emmanuele Baldini e o cravista Fernando Cordella, com obras dos principais compositores barrocos italianos.

Os músicos se conheceram há menos de um ano, em Fortaleza, durante uma apresentação de *As Quatro Estações*, de Vivaldi. “Apesar dos poucos ensaios, conseguimos um entrosamento musical muito raro”, afirma Baldini. Cordella reforça a sintonia que os músicos sentiram tocando juntos e completa: “A gente pensou ‘por que não fazer um programa de uma antologia da história das primeiras obras escritas para essa formação de violino e cravo?!’”.

A escolha por sonatas italianas aconteceu em razão da nacionalidade do violinista e da admiração do cravista pela forma sonata, principalmente as do período Barroco Italiano, que vai do final do século XVI até o século XVIII. “Buscamos não só obras que representassem esses momentos históricos, mas também que tivessem beleza e poesia artística”, afirma Cordella.

O repertório inicia com Dario Castello, cuja música ainda não possui movimentos bem claros e definidos. O segundo compositor destacado é Giovanni Pandolfi Mealli, músico que escreveu obras um pouco mais delimitadas, mas ainda sem a subdivisão de movimentos. Em seguida, é tocada *La Follia*, de Arcangelo Corelli. De acordo com Emmanuele Baldini, Corelli é considerado o pai da época de ouro da música barroca, tendo influenciado todos os compositores barrocos posteriores. Mas o ápice da música barroca italiana é alcançado com Antonio Vivaldi, cujas obras já possuem seções muito definidas. O concerto é encerrado com Giuseppe Tartini, músico muito avançado tecnicamente e considerado à frente do seu tempo, tanto na busca por uma sonoridade, quanto por uma escrita diferente. A sonata de Tartini tocada por Baldini e Cordella é *Trillo del Diavolo* que foi composta depois de um sonho do compositor.

Para os músicos esse concerto pode ser apreciado por diversos tipos de público, pois existem vários níveis de compreensão musical. Baldini acredita que os grandes gênios da música, como Beethoven e Mozart, por exemplo, conseguem fazer com que todos esses níveis sejam satisfeitos. “Quando a gente escuta, faz as referências com o que conhece de filosofia, de história...”, completa Cordella.

\* Taís Castro, estudante do 4.º semestre de Jornalismo da Fabico

## Assista ao programa

**StudioClio Orfeão Sonatas Italianas vai ao ar nos dias 10 e 17 de agosto, às 20h, com reprise às 23h na UNITY, Canal 15 da NET POA. Também será disponibilizado na internet na página [www.youtube.com/ufrgstv](http://www.youtube.com/ufrgstv).**



FLÁVIO DUTRA/JU



# Para viver a rua

Desde junho, moradores têm realizado protestos contra o rebaixamento da Anita Garibaldi no cruzamento com a Carlos Gomes, obra que visa facilitar o tráfego de veículos nas duas vias

## Urbanismo

### A fragmentação de espaços públicos favorece o isolamento ao mesmo tempo que inspira o desejo de uma cidade mais coletiva

Em tempos em que a velocidade da informação e da tecnologia parece proporcional à das segregações individual-coletivo e público-privado, a vontade de viver em uma cidade mais social representa o anseio não só de porto-alegrenses, mas de brasileiros em geral, e vai ao encontro do discurso repetido por arquitetos e urbanistas. Cidades são organismos vivos resultantes da sociedade que as habita. Centros de diversidade por natureza, elas se transformam conforme muda sua população.

**Cidade sem projeto** – Quando se fala em planejar, a ideia é prever a evolução de determinado processo, a fim de solucionar um problema já existente ou prevenir os que possam surgir. Nesse sentido, arquitetura e planejamento urbano são instrumentos pelos quais a sociedade pode definir as direções que uma cidade vai tomar. “É uma área interdisciplinar que depende de uma série de variáveis. Existem os interesses externos, a questão ambiental, o impacto sobre a comunidade. E tudo precisa ser bem trabalhado. Trata-se de uma grande rede de negociações”, resume Heleniza Ávila Campos, professora do Departamento de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.

Em Porto Alegre, a menos de dois anos da Copa do Mundo, a duplicação de avenidas, a construção de viadutos, pontes e passagens e a instalação de um metrô devem interferir na dinâmica de uma massa populacional que vai além

dos limites da metrópole e, portanto, precisam ser estudadas e explicadas.

Para Tiago Holzmann da Silva, presidente do Departamento do Rio Grande do Sul do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-RS), a questão é crucial: “As coisas têm de ser feitas da melhor forma para os cidadãos, com transparência de informações. A população precisa ser parte das discussões”.

O IAB é uma entidade não governamental que representa os arquitetos do país e se propõe a discutir as necessidades urbanas e da profissão. Dividido em 27 departamentos estaduais, o Instituto defende a qualidade dos lugares em que vivem as pessoas. “Por isso buscamos a aplicação de concursos públicos. O metrô, por exemplo, vai ter muito impacto na cidade e no dia a dia das pessoas, portanto precisa ser planejado com base no melhor projeto”, explica o arquiteto. É o mesmo pensamento de Lucas Piccoli Weinmann, 23 anos, estudante do 7.º semestre de Arquitetura da UFRGS, para quem as pessoas merecem o melhor: “Obras como o metrô não podem ser feitas pelo projeto mais barato nem pelo amigo de quem quer que seja: tem que ser o melhor”.

Andréa Oberrather, supervisora de desenvolvimento urbano da Secretaria de Planejamento Municipal, explica que as duas possibilidades serão consideradas: “Licitações e concursos têm de ser avaliados. Nem tudo pode ser encaminhado através de um concurso. Existem situações em que a própria necessidade de agilidade demanda uma licitação. O projeto do metrô exige uma capacidade técnica que precisa ser comprovada em qualquer um dos casos. A licitação é um caminho, o concurso é outro”.

Ainda de acordo com a supervisora, o interesse público é prioritário: “O olhar do poder público sempre é em prol do interesse comum. Às vezes, alguns empreendimentos sofrem grandes alterações porque precisam se acomodar aos interesses e à capacidade de suporte do território escolhido”.

Uma vez que qualquer cidade é resultado das pessoas que moram nela, o trabalho do IAB é pensar a cidade para a população: “As coisas precisam ser pensadas antes de começarem – o que muitas vezes não acontece. A maior

inimiga do planejamento é a urgência. Nada fica bem feito quando é feito às pressas”, avalia o presidente. Na opinião de Tiago, falta à capital um projeto de cidade: “Antes de qualquer coisa, é preciso saber o que as pessoas querem. Que cidade Porto Alegre quer ser?”

**Pensando o conjunto** – Urbanismo, do latim *urbs* (cidade), é um termo recente – vem do neologismo *urbanización*, criado em 1867 pelo engenheiro e arquiteto espanhol Ildefonso Cerdá – para designar uma disciplina nova: a ciência da organização espacial das cidades. Mas, quando se fala em planejamento urbano, a referência não é apenas a um espaço estático – trata-se também da rede de relações que alimenta esse lugar. Vem daí a necessidade de pensar a cidade em seu todo.

Para Clarice Maraschin, professora do Programa de Pós-graduação em Urbanismo da UFRGS, a visão fragmentada é um dos principais problemas enfrentados hoje. “Não se pensa mais a cidade toda; fazem-se interferências em pontos estratégicos. A institucionalização do planejamento contribui para essa fragmentação, o que acaba gerando descredito nas pessoas”, afirma. Tiago segue o mesmo raciocínio: “Existe uma obra, e cada secretaria ou órgão é responsável por um aspecto. Cada um cuida só da sua parte. Falta pensar o conjunto, e não as partes separadamente”.

Andréa explica que o processo de aprovação de um projeto se dá por várias instâncias, mas com o objetivo de avaliar a viabilidade do empreendimento: “Nós temos um sistema de planejamento composto por comissões técnicas que analisam cada tipo de empreendimento. Essas comissões são formadas por várias secretarias que se reúnem, analisam e definem o regramento, as condicionantes e, no final desse processo, é que se dá o licenciamento para a aprovação do projeto”.

Em geral, a fragmentação dos espaços públicos promove o isolamento das pessoas, trazendo insegurança e violência para áreas originalmente criadas para o convívio. Com o tempo, a dinâmica de uso desses lugares mudou, e o que se vê hoje é sua transformação em locais de passagem entre trabalho,

casa, shopping, faculdade. As pessoas já não se sentem seguras fora dos carros, usando o transporte público ou morando no centro; e os espaços de convivência perderam seu caráter de trocas sociais, culturais e intelectuais. “A cidade precisa ser pensada para todos, como um conjunto único, porque ela é fruto da nossa vontade – do que nós, enquanto população queremos daquele espaço”, defende Tiago Holzmann.

Um dos fatores que contribuem para essa fragmentação é a falta de diálogo com os habitantes. “Seria interessante que os impactos fossem mais externalizados. As pessoas precisam ter plena noção do que acontece para que fosse feito um debate completo”, analisa Clarice. Além disso, pesam também a educação e os hábitos de cada um.

Na concepção de Lucas Weinmann, um projeto de cidade ideal não envolve só arquitetura: “Também depende muito da conscientização. A cultura do automóvel, por exemplo, é muito forte: as pessoas usam o carro para ir à padaria perto de casa ou para trajetos que poderiam ser feitos a pé. E para desfazer isso leva tempo”.

Segundo Andréa, é justamente esse um dos maiores desafios de Porto Alegre: a mobilidade. “A proporção de veículos por habitante aqui é altíssima.

E a cidade é muito tímida na criação de alternativas de mobilidade e de transporte público”, afirma a supervisora.

**Conciliação** – A arquitetura insere-se na sociedade como modo de viabilizar a convivência do diferente. A base para uma cidade modelo não está, portanto, na ideia de encarar todos como iguais. Ao contrário: parte do princípio de que a coexistência de grupos distintos em um mesmo espaço físico é possível. Trata-se de qualificar áreas públicas para que sejam devidamente ocupadas pela população e de desenvolver estratégias que permitam a existência das diferenças.

Nesse sentido, o futuro das cidades parece ainda nebuloso; porém, de acordo com Lucas, há um caminho possível: “Uma cidade ideal não é aquela que privilegia somente a bicicleta, o carro ou o transporte público. A questão é conciliar todos os modais. E educar a população. Porque é a ação individual que forma o coletivo. Uma cidade ideal é uma cidade aberta, na rua. Esse é o futuro: cidades abertas e para as pessoas”, conclui o futuro arquiteto.

Priscila Kichler Pacheco, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabico

## Espaço público

Iniciativas para nortear o crescimento das cidades, ou para fazer com que os espaços públicos voltem a ser ou permaneçam espaços de convivência, surgem em diversos pontos. Em São Paulo, a jornalista Natália Garcia desenvolve o projeto Cidades para Pessoas, trabalhando alternativas para criar bons lugares para se viver. Durante sete meses, ela percorreu cidades europeias em busca de soluções de planejamento urbano que possam servir de exemplo para os brasileiros, como é o caso de Copenhague, referência mundial quando se fala em andar de bicicleta. Lá, há faixas exclusivas tanto para pedestres quanto para ciclistas e bicicletas públicas disponíveis – e 89% dos habitantes se dizem satisfeitos com a capital dinamarquesa.

Em Porto Alegre, o Projeto 260 surgiu com a ideia de criar um espaço de encontros. Em um casarão do bairro Tristeza que a associação de moradores quis ver utilizado para atividades comunitárias e culturais, o grupo organiza eventos envolvendo interlocução e arte, música e fotografia. Outro exemplo é o movimento Largo Vivo, iniciativa de ocupação dos espaços públicos por pessoas e não por automóveis, que promove encontros no Largo Glênio Peres com a realização de atividades culturais.

# Lupa embaçada

## Acesso à informação

### Nova lei padece com a burocracia e a dificuldade em tornar transparente o que é público

Samantha Klein

Em maio deste ano, os brasileiros ganharam um direito relativamente simples, que representa um marco histórico para a democracia. Se antes era quase impensável saber quanto foi investido em obras para minimizar problemas com os alagamentos da sua rua, o que foi gasto em refeições na creche do bairro ou quanto uma estatal investe em patrocínio esportivo, agora existe a obrigação legal de divulgar esses dados. Apesar do enorme avanço, a efetiva implantação da Lei de Acesso à Informação enfrenta problemas que vão desde a infraestrutura para a disponibilização e a burocracia até a cultura da falta de transparência.

**Entre a lei e a realidade** – No intervalo entre a sanção da presidente, em novembro do ano passado e os 150 dias estabelecidos para a implantação dos Serviços de Informação ao Cidadão (SIC's), observa-se que ainda é complicado avaliar os progressos da lei, principalmente nos municípios menores. Mesmo assim, o Rio Grande do Sul pode ser considerado o mais avançado em termos de transparência, apesar de estar

muito aquém do que pretende a norma, já que a maioria das cidades apresenta apenas os balanços de gastos e despesas. A resistência do Executivo ainda se dá na divulgação do salário vinculado a cada funcionário com alegação de invasão de privacidade. Entre os municípios, somente Porto Alegre e Canoas têm dados completos sobre programas e projetos municipais, se aproximando do que determina o texto da lei.

Em outro extremo do país, no Acre, a capital Rio Branco atende aos preceitos básicos da Lei de Acesso à Informação, enquanto prefeituras menores, como Tarauacá e Feijó, sequer cumprem as determinações básicas da Lei de Responsabilidade Fiscal e do Decreto 131/09 que consistem na divulgação de entradas e saídas de caixa.

**Burocracia na área** – Mas como vencer os impedimentos da cultura da falta de transparência? Pesquisador há mais de dez anos sobre os processos burocráticos, o advogado Bruno Miragem, doutor em Direito pela UFRGS, demonstra que a burocracia simboliza domínio. A velha máxima de que informação é poder prevalece porque os agentes públicos utilizam dados que naturalmente deveriam ser públicos como forma de disputa política. “Existe a sensibilidade geral de que estar informado dá poder ao indivíduo. Persiste a ideia de que esse domínio restrito legitima os servidores ou o grupo que esteja no comando. O acesso exclusivo também é uma forma de defesa estratégica em relação aos adversários políticos”, relata.

Por outro lado, a burocracia atua no sentido não de negar a informação, mas de complicar a busca. Assim, ao acessar o site de um órgão público, o cidadão pre-

cisa saber o que procurar e tem de clicar em vários links até chegar ao documento desejado. Ou seja, muitas informações já estão disponíveis, mas é necessário paciência para encontrá-las.

**Nem tudo será respondido** – No entanto, a burocracia é importante no fluxo de informações referentes ao poder, já que se deve criar um processo e encarregar pessoas para a disponibilização de dados. No caso do Tribunal de Contas do Estado, seis funcionários atendem ao público. A adaptação à legislação permitiu que uma demanda complexa do Sindicato dos Municípios de Porto Alegre fosse atendida dentro do prazo – que estabelece o período de 20 dias, prorrogáveis por mais dez –, para que um órgão responda a um questionamento.

Antes da vigência da lei, a entidade solicitou a prestação de contas da Câmara de Vereadores da capital dos últimos 15 anos. Em razão da dificuldade, Valtuir Pereira Nunes, o diretor geral do TCE, explica que poderia negar resposta baseado no artigo 13 da norma que recusa informações aos pedidos “genéricos ou desarrazoados”. “Tivemos que pegar os relatórios das auditorias realizadas na Câmara, os esclarecimentos nos casos em que houve gastos indevidos, os votos dos conselheiros e as decisões do Tribunal quanto à regularidade ou não das explicações. Foi um trabalho gigante, mas entregamos dentro do prazo”, comenta Nunes.

Em outra frente, a transparência é dificultada em pequenos municípios onde há menos de 10 mil habitantes, nos quais a legislação estabelece que as prefeituras não precisam divulgar informações por meio de sites. Porém, para buscar

alguns dados, o TCE também reúne em um mapa eletrônico documentos sobre todas as cidades do estado. “O passo decisivo deve ser o de criar-se um fluxo das informações que torne natural o procedimento de requisição”, prevê Bruno Miragem.

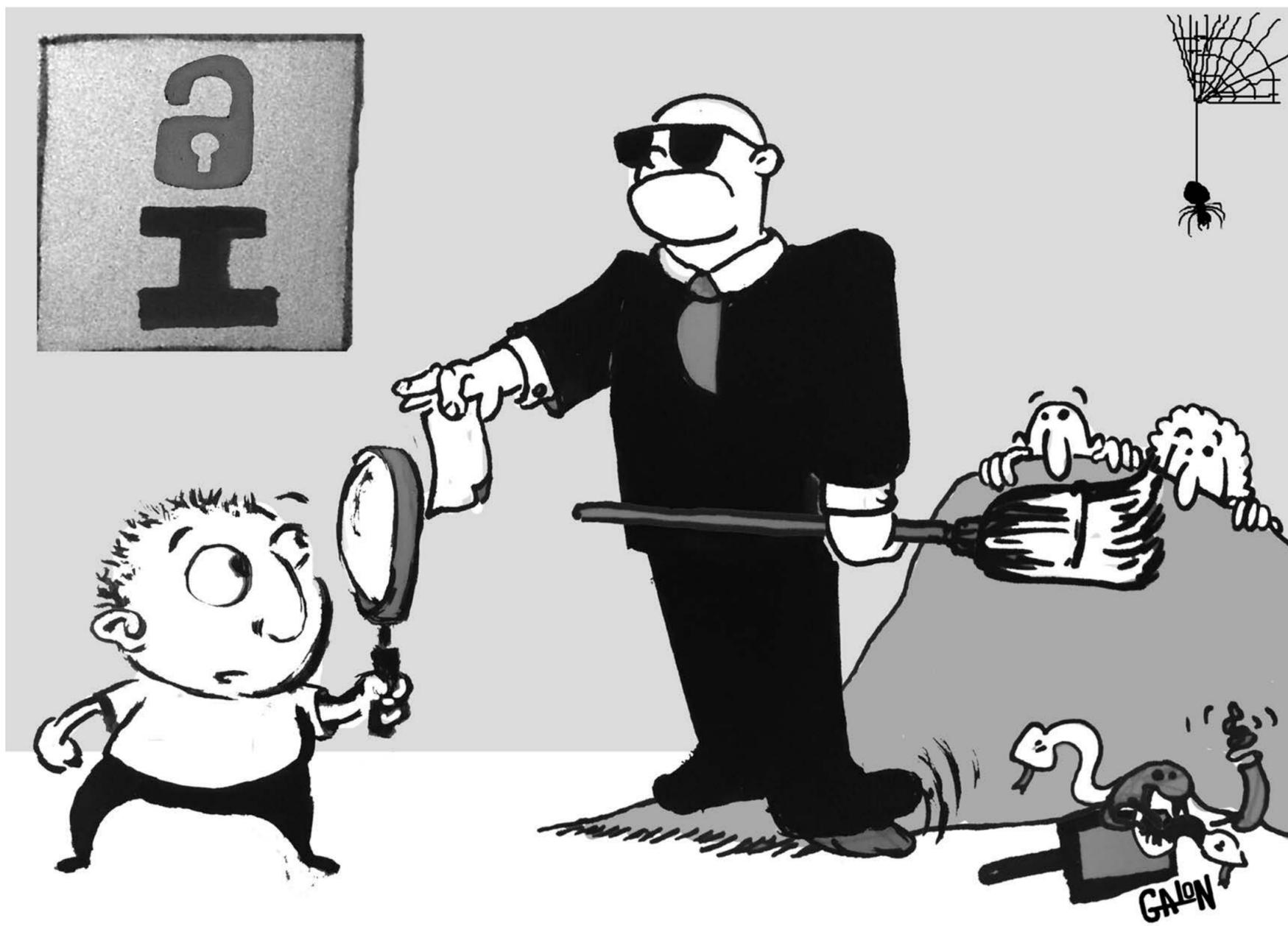
**Dificuldades subjetivas** – No entanto, essa cláusula não pode ser utilizada como desculpa para negar informações de forma generalizada, segundo um dos fundadores da ONG Contas Abertas, o economista Gil Castelo Branco. “As dificuldades reais são muito mais subjetivas que objetivas. Não existe grande dificuldade burocrática porque os órgãos disponibilizam dados eletrônicos e impressos. Já os custos de correio são do solicitante, não das estatais”, conta o economista que teve somente um pedido satisfatoriamente respondido. A entidade solicitou informações à Eletrobrás sobre patrocínios esportivos. Como resposta, apenas a indicação de consulta ao site no qual é citado o financiamento ao basquete e ao clube Vasco da Gama sem maiores especificações.

Um pedido idêntico da reportagem obteve outra resposta. A estatal respondeu que, entre 2009 e 2012, foram firmados 35 convênios. O JU recebeu uma lista com os programas envolvendo a liberação de mais de R\$103 milhões em patrocínios para clubes e a realização de campeonatos esportivos. Porém, outro pedido da reportagem para a Prefeitura de Porto Alegre não foi respondido: quantos médicos, técnicos de enfermagem e enfermeiros trabalham no posto da Vila Cruzeiro e por quantas horas? Mais de um mês se passou entre a solicitação e o fechamento desta edição e nenhum e-mail foi recebido.

## De olho

Qualquer pessoa pode consultar dados não sigilosos dos Três Poderes e do Ministério Público, assim como das autarquias, sociedades de economia mista, fundações e empresas públicas. As ONGs que contam com verbas públicas também devem divulgar e prestar informações sobre a destinação dos recursos. Alvo de polêmica, a folha salarial dos servidores federais já foi divulgada no final de junho. Para pesquisar, basta consultar o portal [datatransparencia.gov.br](http://datatransparencia.gov.br) e acessar o link Servidores. Com o nome ou CPF é possível verificar os rendimentos de todos os funcionários da União.

**Pouca demanda** – A Lei de Acesso à Informação pode acabar se restringindo a pedidos da sociedade civil organizada, jornalistas ou gestores. A adesão da população ainda é pequena. Na Prefeitura de Canoas esperava-se por uma enxurrada de pedidos, mas a média é de um por dia. “Recebemos solicitações sobre contratos, leis municipais e registramos um sobre como encontrar um médico especialista. A maioria desses assuntos já está disponível online. Por isso, estamos tentando tornar o acesso mais fácil na página da prefeitura”, considera Mari Mantelli, controladora geral do município. A reduzida demanda do público comprova a dificuldade em praticar uma cultura de transparência.





FLÁVIO DUFRÉ/JU

# Língua para não falar



As aulas abrangem a língua, a poesia, a literatura, a filosofia e a cultura da Grécia, que tem na escultura da Vitória de Samotrácia (em exposição no Museu do Louvre) um de seus ícones

## Grego Clássico

*O estudo do idioma usado na Antiguidade desperta a curiosidade dos estudantes de Letras e oferece possibilidades profissionais*

Everton Cardoso

Basta alguém dizer algo ou falar em um idioma que o interlocutor não compreenda: “Está falando grego!”, exclama o ouvinte. A frase, derivada do provérbio medieval latino que dizia “É grego; não se consegue ler”, representa a visão que ainda se tem da língua de Platão. Idioma falado em apenas duas nações – Grécia e Chipre – e cujo alfabeto de 24 caracteres é formado por símbolos aqui normalmente presentes em fórmulas matemáticas – delta, pi – e outras designações de diversas ciências, é representante de uma das muitas línguas que têm um número limitado de falantes. São pouco mais de 13 milhões, o que a coloca na posição 75 entre os idiomas mais falados no mundo. Mas se falar grego contemporâneo – e consequentemente aprendê-lo – é geralmente visto como algo inusitado, o que dizer da opção por aprender a versão usada naquela região na Antiguidade?

Na UFRGS, entre as possibilidades de carreira para estudantes de Licenciatura em Letras está a formação cuja ênfase são as línguas e literaturas portuguesa e grega. Atualmente, seis alunos estão matriculados para especializar-se na versão desse idioma que era utilizada há mais de dez séculos. Mas o que leva

um estudante de graduação a optar por aprofundar-se nessa forma linguística há tanto tempo em desuso?

**Horizontes de conhecimento** – Curiosidade: assim a estudante Kátia Predebon resume a razão por que escolheu a ênfase em grego clássico para sua formação. “A oportunidade me trouxe a motivação”, explica. Mesmo não querendo trabalhar com o ensino de línguas estrangeiras, a futura licenciada em Letras viu no estudo do idioma da Antiguidade uma maneira de ampliar seus saberes. “Conhecimento nunca é demais, e esse currículo estava ali à minha disposição. Acabei optando pelo grego por ser uma coisa diferente”, acrescenta. Sem um trabalho fixo, Kátia diz que não imagina que o grego que está aprendendo na Universidade tenha alguma utilidade prática no exercício de sua profissão. “Quem sabe com mais alguns semestres eu consiga perceber algo”, especula depois de ressaltar que seu contato com esse conhecimento é ainda demasiado recente. Este é seu primeiro semestre de estudos, mas uma certeza já tem: a mitologia é o aspecto da cultura grega que mais chama a sua atenção. “Acho muito fascinante essa facilidade que eles tinham para criar respostas, mesmo que fictícias, para a origem das coisas do mundo”, destaca.

Aprendiz recente, Kátia Predebon diz que os símbolos adotados na cultura ocidental e que têm origem no alfabeto grego são talvez o que mais lhe desperte curiosidade. “Como sou uma pessoa que gosta de ligar fatos a números, símbolos e coisas do tipo – por diversão mesmo –, gostei muito do alfabeto”, justifica. Entre os exemplos, ela destaca a marca da Psicologia, a letra Psi, penúltima do abecedário grego. Aliás, a própria palavra alfabeto faz referência direta aos dois primeiros caracteres da versão do sistema de escrita desenvolvido pelos gregos por volta do século IX a.C. – alfa e beta, referências também usadas para assinalar que programas de computador foram liberados para uso ainda em suas versões preliminares e em caráter experimental. Além disso, a estudante vê nos estudos da língua a possibilidade

de compreender a origem de muitas palavras hoje usadas no português.

“Quando me matriculei no grego, pensava: ‘Gente, eu vou aprender grego!’ Quando digo o que estudo para as outras pessoas, elas sempre comentam que é legal”, conta a estudante. E a frase que mais ouve: “Você é corajosa”. Apesar da maior dificuldade – o alfabeto diferente –, Kátia não vê grandes obstáculos para seu aprendizado. “Como se fosse a coisa mais espetacular e impossível de aprender na face da terra”, admira-se. “A partir do momento em que você aprende o alfabeto, passa a ser como inglês, francês, italiano ou qualquer outro idioma. A diferença, na realidade, está na pouca procura por essa língua, que faz com que ela pareça algo muito distante de ser aprendido”, relativiza. Nas aulas, os alunos aprendem basicamente a ler, compreender e traduzir do grego clássico para o português contemporâneo. “A tradução, a meu ver, é a coisa mais fácil de qualquer língua, o que acaba tornando o grego uma língua extremamente manuseável”, explica.

**Acaso e sedução** – Menos nobres foram as razões que levaram Fernando Giongo a estudar grego: preguiça e comodismo. Tudo começou em 2004, quando as passagens estudantis ainda eram em forma de fichas plásticas alaranjadas. Depois de ter estado nos cursos de Matemática e de Ciências Sociais da UFRGS, resolveu fazer pré-vestibular para pleitear um novo ingresso na Universidade. Nesse meio

tempo, decidiu prolongar sua estada na instituição para poder comprar mais passagens de uma só vez e, assim, enfrentar fila menos vezes.

A matrícula ocasional em disciplinas lhe daria a possibilidade de adquirir o

*Há algo de mágico nas línguas antigas, e aprendê-las é adentrar no conhecimento de outro tempo*

dobro de fichas mensalmente. Assim, Fernando matriculou-se em Elementos de Grego. “Escolhi essa disciplina simplesmente pelo horário conveniente e pela pouca carga horária, apenas dois créditos depois do almoço”, diverte-se. E acrescenta que a maior influência veio de sua professora, Maria da Glória Nogueira: “Com anos de experiência e dedicação à sala de aula, ela sabia exatamente como conduzir a turma e introduzir um assunto considerado tão exótico por tantos”. Para atestar os conhecimentos da docente, ele conta de

uma vez em que ela fez comparações do grego clássico com latim e sânscrito. “Fiquei assombrado!”, exclama. “Com o vocabulário e as frases muito bem escolhidas pela professora Maria da Glória, senti-me novamente criança, brincando com um jogo interminável e secreto que abre um canal de comunicação que atravessa mais de dois mil anos de história”, lembra com carinho.

**Estudos aprofundados** – O resultado desse primeiro contato com o idioma foi decisivo na vida de Fernando: ele hoje faz mestrado em Literatura Comparada na UFRGS, em que se dedica a estudar a tragédia *Filoctetes*, escrita pelo dramaturgo Sófocles, e também dá aulas de língua grega no Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão (NELE). “Ler Platão, Aristófanes e principalmente Homero no original eram sonhos da juventude. Há algo de mágico nas línguas antigas, como se ao aprendê-las adentrássemos no conhecimento de outro tempo”, diz. No aprendizado da língua da Antiguidade, Fernando Giongo vê a possibilidade de ter acesso direto aos textos em sua forma original, sem as posteriores edições. “O contato com a literatura clássica revela inequivocamente o caráter provisório e transitório de nossas concepções, nossa cultura e nossa sociedade. Saber que, apesar de todos os vertiginosos avanços tecnológicos dos últimos séculos, ainda somos os mesmos e sofreremos da mesma maneira é uma fonte inesgotável de humildade e reflexão”, pondera.

## Carreira com perspectiva

Afinal, o que é que se aprende ao ter aulas de grego na UFRGS? O professor José Carlos Baracat Júnior explica que o conteúdo das disciplinas abrange, basicamente, a língua, a cultura, a literatura, a filosofia e a poesia oriundas de Atenas nos séculos V e IV a.C.. Há, porém, o que ele qualifica com “exceções notáveis”, ou seja, obras de outros tempos e lugares – mas ainda da Antiguidade Clássica grega – que entram no escopo dessa ênfase do curso de Letras. Exemplo disso é a épica de

Homero, que é de um período anterior.

A Universidade oferece sete semestres de língua, quatro de literatura, um de ética e dois de prática de ensino para os estudantes que optaram por aprofundar seus estudos na língua. No Brasil, são poucas as instituições de ensino superior que possibilitam esse tipo de formação, entre elas a Universidade de São Paulo (USP). Embora à primeira vista pareça que poucos estudantes elejam esse caminho, Baracat destaca que muitas

vezes o número é superior ao dos que optam por idiomas modernos, como alemão e italiano. Entre as perspectivas profissionais para os egressos de Letras com ênfase em grego clássico, o docente vislumbra melhores perspectivas do que para aqueles cuja formação se restringe ao português, pois podem atuar como pesquisadores voltados para textos desse período, como docentes desses temas ou mesmo trabalhar com o mercado de traduções de obras clássicas.



# Demanda represada

## Infraestrutura Apesar do financiamento garantido, UFRGS enfrenta entraves como a liberação dos licenciamentos da Prefeitura

Jacira Cabral da Silveira

A penúltima reportagem da série dedicada ao décimo-quinto ano de atividade do JU debruça-se sobre uma área de grande influência no cotidiano da comunidade universitária: a infraestrutura.

Ao longo de seus 15 anos, o Jornal da Universidade registrou muitas das mudanças ocorridas no vasto território da UFRGS, que compreende mais de 2 mil hectares só no Câmpus do Vale; além das áreas ocupadas pelos câmpus Central, da Saúde e Olímpico e as extensões mais distantes em Eldorado do Sul, onde fica a Estação Experimental Agronômica, e em Imbé, balneário que abriga o Ceclimar.

A situação da infraestrutura e das obras na UFRGS pode ser descrita a partir de três aspectos: novas construções, reformas e adaptações, que são pequenas expansões como a ampliação de laboratórios. Nos últimos anos, segundo o pró-reitor de Planejamento (Proplan), professor Ário Zimmermann, as atividades nesse setor concentraram-se em reformas de prédios e adaptações internas. Responsável pelas finanças da Universidade, ele reconhece que foram realizadas muitas obras nos últimos 15 anos, “mas é menos do que a Universidade precisa”, observa.

Para Zimmermann, o grande salto

ocorrido nesse período foi a aquisição de equipamentos para abastecer e ampliar 150 laboratórios. Diz isso referindo-se, especialmente, à área da informática, além dos computadores destinados a departamentos e salas de aula. Vários outros cursos também receberam equipamentos novos, como os instalados no Laboratório de Metalurgia Física (Lamef), da Escola de Engenharia, e a centrífuga – equipamento de ponta – comprada para a Faculdade de Farmácia.

Na análise do superintendente de Infraestrutura da UFRGS (Suinfra), professor Alberto Tamagna, a partir de 2008 a Universidade começou a receber verbas significativas para investir em prédios e realizar grandes reformas. De acordo com estudo realizado na Suinfra, no período de 2002 a 2012, a Universidade passou de uma área construída de cerca de 330 mil m<sup>2</sup> para aproximadamente 370 mil m<sup>2</sup>.

Além do MEC, principal fonte financiadora, a UFRGS recebe verbas via Finep, CNPq, Inmetro e por meio de convênios com grandes empresas, como a Petrobras e a Fiocruz, para fomento de pesquisa. Zimmermann ilustra esse momento promissor de investimentos citando o convênio firmado entre o novo curso de Zootecnia e a Finep, que permitirá erguer tanques destinados a pesquisas em piscicultura. “Trata-se de um projeto de grande alcance”, reforça.

**Calcanhar de Aquiles** – A UFRGS passou a receber recursos significativos para a realização de obras, cerca de R\$ 35 milhões, especialmente com a adesão ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), pactuado em 2007 e implementado de 2008 a 2012. Entretanto, conforme Zimmermann, a Universidade não contava com um número suficiente de arquitetos e engenheiros para elaborar os projetos e, assim, terem suas dotações orçamentárias contratadas. Diante desse problema, foi necessária a realização de concursos

para suprir tal carência: “Mas concurso é sempre algo demorado e os salários não correspondem àqueles pagos no mercado, que está bastante aquecido”. Resultado: “O pessoal entrou, mas não ficou muito tempo”, relata o pró-reitor. Tamagna e Zimmermann concor-

## Hoje, a Suinfra administra obras no valor de R\$ 39 milhões

eram ao afirmarem que hoje o principal desafio na área da infraestrutura da UFRGS é justamente o grande déficit de engenheiros. Tamagna diz que um engenheiro concursado da Universidade recebe cerca de R\$ 3 mil por 40 horas semanais, enquanto o salário básico da categoria é de R\$ 5.800 e o mercado chega a pagar mais de R\$ 7 mil. “Podemos fazer grandes obras licitando fora, mas precisamos ter alguém aqui dentro para fiscalizar”, considera. Atualmente, a Suinfra conta com 20 engenheiros, mas o pró-reitor afirma que seriam necessários mais 20 para dar conta do trabalho.

Outro problema que entrava as obras, na visão dos professores, são os licenciamentos junto a órgãos municipais. De acordo com Tamagna, muitas das 33 obras em andamento perdem em agilidade justamente por causa de tais licenciamentos. Cita como exemplo a construção do Hospital Odontológico que levou mais de três anos para ser liberada “Esse tem sido nosso calcanhar de Aquiles”, lamenta o superintendente.

**Realizações** – Quando o anel viário foi concluído em 2002, os frequentadores do Vale passaram a transitar com maior facilidade pelas diferentes unidades

acessadas pela via. Em junho do ano passado, foram finalizadas as obras da Subestação Agronômica, tornando independente o fornecimento de energia para diferentes unidades, o que evita que todo o câmpus fique sem luz quando algum trecho da rede sofre avaria.

Outra obra importante no Vale foi a ampliação do RU3, em 2011, que minimizou em parte o tamanho das filas na hora do almoço. Projeções da Suinfra prevêem para até julho de 2014 o término da construção de mais um RU no Setor IV (com cerca de 3.470 m<sup>2</sup>), assim como outro restaurante na mesma área. Ambas as obras tiveram início no começo deste ano. Quem lamenta é o atual proprietário do bar junto ao Instituto de Informática, que já vem se ressentindo com a proliferação das máquinas de café nos corredores dos prédios do Vale. Um dos funcionários do Bar do Antônio, próximo a Faurgs, comenta o mesmo: “O pessoal já chega aqui com os copinhos de café”, brinca.

Em 2008, o Câmpus Olímpico também ganhou seu esperado RU, com uma área construída de 260 m<sup>2</sup>, e servindo em média 600 refeições por dia, entre almoço e janta. Até então, estudantes e funcionários faziam suas refeições em marmitas, sentados ao sol ou nos corredores da ESEF. Também foi realizada a pavimentação do acesso principal ao câmpus, além de outras obras e reformas.

O superintendente da Suinfra informa que estão em andamento dez trabalhos de maior vulto, dos quais sete estão sendo realizados no Câmpus do Vale, e os demais no Câmpus Centro e no Câmpus Saúde, que resultarão num acréscimo de 15.800 m<sup>2</sup> à área construída da UFRGS. Outras obras, embora sejam intervenções de grande porte, não representam ampliação de área construída.

Uma delas é a reforma da biblioteca da Escola de Engenharia, que compreende um andar inteiro e tem um custo aproximado de mais de um milhão de reais. Recentemente, a Faculdade de

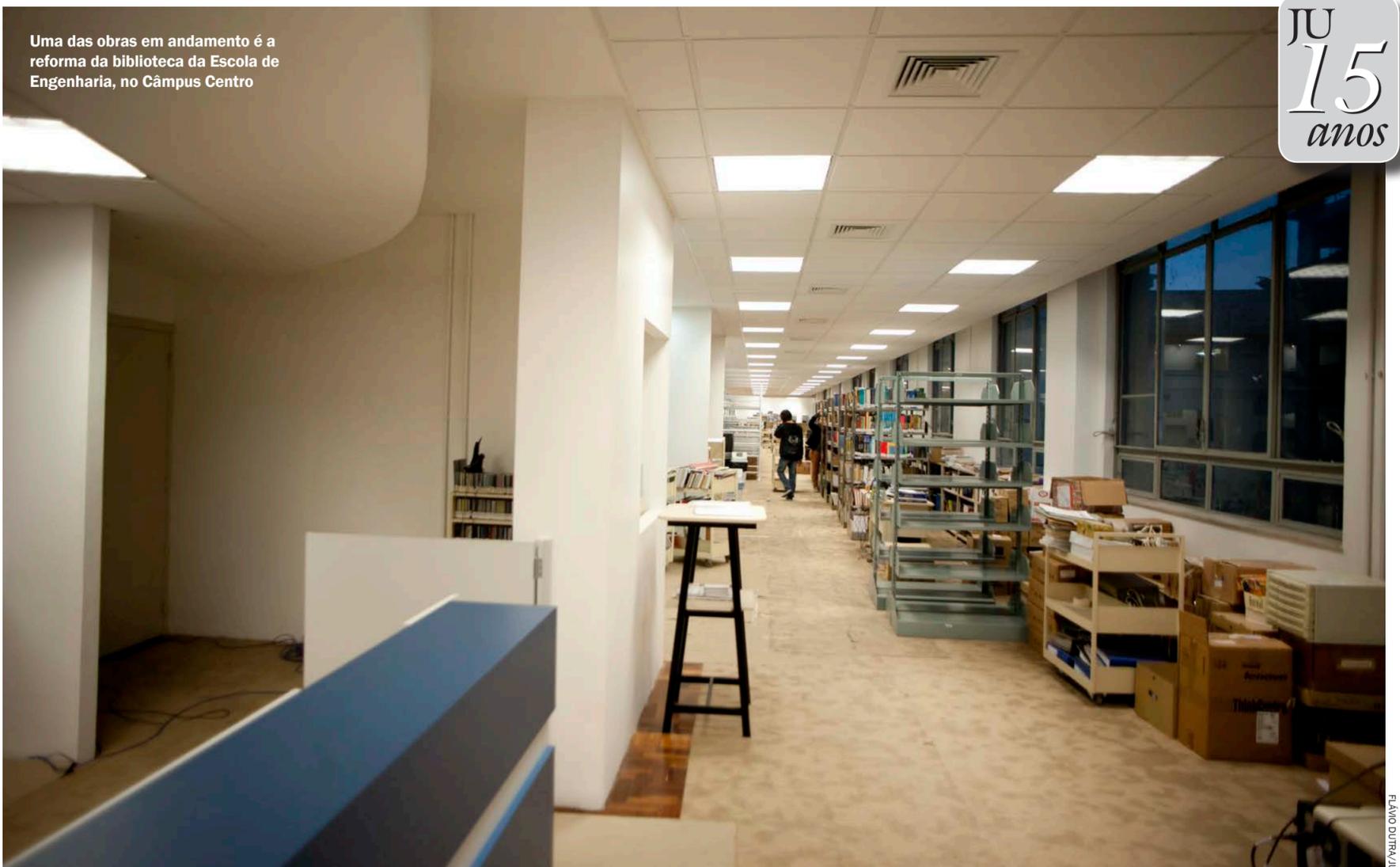
Arquitetura e Urbanismo inaugurou sua nova biblioteca.

Segundo o superintendente, a ampliação da Arquitetura, que representará um acréscimo de cerca de 2.700 m<sup>2</sup> à área já existente, com a instalação de um andar a mais e uma expansão lateral, já está no último passo de tramitação na Secretaria Municipal do Meio Ambiente. “Aguardamos a permissão para o corte de quatro árvores, que precisará ser compensado vegetalmente. Mas, provavelmente, a ampliação não começa neste ano. As coisas são lentas”, reclama. Contabilizando todos os custos com obras, Tamagna afirma: “Hoje [julho de 2012], a Suinfra está administrando obras no valor de R\$ 39 milhões e os projetos que estão por começar somam 37.800 m<sup>2</sup> de área nova construída”, conclui.

## Acompanhe as construções

Na barra de rolagem do Portal da UFRGS na internet está disponível, desde o início do ano, o link Obras, produzido e atualizado pela equipe da Suinfra. Nele, podem ser conferidas as obras em andamento, as concluídas e as inauguradas nos diferentes câmpus. Além das fotos, são fornecidas informações como localização, datas de início e término das edificações, área construída ou reformada, empresa contratada, fonte e valor dos recursos. Entre as obras concluídas e em andamento existem cerca de 140 registros, que vão desde reformas, renovação de elevadores a construções de maior porte. Também é possível acessar essas informações indo diretamente ao endereço [www.suinfra.ufrgs.br/obras\\_capa.html](http://www.suinfra.ufrgs.br/obras_capa.html).

Uma das obras em andamento é a reforma da biblioteca da Escola de Engenharia, no Câmpus Centro



JU  
15  
anos

# Especial

**Escrita manual** *Mesmo em tempos de digitação, a prática para tornar a letra mais bela ainda sobrevive*

TEXTO **EVERTON CARDOSO** FOTOS **FLÁVIO DUTRA**

Próximo à margem esquerda do papel, lá está: um traço inclinado que inicia na linha de baixo e sobe, em direção à direita, até chegar à linha superior. Tem aproximadamente um centímetro de extensão e uma inclinação que deve estar por volta dos 50°. À sua direita, nada mais, a não ser as duas linhas azuis que correm até o outro extremo da página. “Agora, copia esse traço. Vai fazendo até o final da linha”, diz Elvira. Depois de vislumbrar os 16,5 cm que, naquela situação, pareciam muito maiores, início meu trabalho. Lá vai o lápis, traço a traço. “Tens que manter a mesma inclinação do primeiro”, avisa a professora. Dou uma parada, analiso minha ainda pequena produção e sigo adiante, tentando reproduzir o traço que ela fizera antes de me entregar o lápis.

Trinta e sete traços diagonais depois, a linha está preenchida. Aliviado, olho para Elvira, e ela logo me pede o lápis e, na linha seguinte, desenha o meu novo desafio: o mesmo traço inclinado, mas agora com um ‘gancho’ na parte superior. E lá vou eu de novo, agora tentando dar conta da curva a ser feita junto à linha superior antes de fazer o lápis correr para executar o traço inclinado. Logo recebo uma orientação: “A linha tem de ser reta”. Os traços, que deveriam parecer bengalas inclinadas, retas, tesas, aos poucos foram ficando mais curvados, como se tivessem ido derretendo. Mais uma vez, paro para revisar o que fizera até então e retomo minha tarefa. Vinte e três repetições depois, a linha está preenchida. Alívio? Qual nada! Elvira logo desenha um novo ‘gancho’, agora iniciando com a curva junto à linha inferior.

“A principal característica da escrita em estilo cursivo comercial inglês é a inclinação para a direita”, conta para fazer-me perceber os muitos detalhes a serem observados. “E as letras não são redondas, por isso os traços devem ser retos.” Paro de fazer meu exercício para prestar atenção a suas considerações. Elvira, então, toma um lápis e desenha uma letra ‘a’ na folha em que eu escrevera para ilustrar o que dizia. A destreza com que ela segura o lápis é admirável. Pela delicadeza com que toma o instrumento e pelos movimentos ágeis, leves e certos que o seu pulso direito faz, logo se percebe a diferença entre uma calígrafa profissional – Elvira – e um pretense aprendiz – eu. Ao desenhar, ela desmembra o que, ao olho pouco treinado, é apenas mais uma vogal: “Começa-se com o traço diagonal de baixo para cima; depois, faz-se o gancho superior para a direita; o lápis, então, deve refazer inversamente o mesmo caminho; ao chegar à linha de baixo, segue para fazer o gancho inferior para o lado direito e sobe até encontrar o superior; levanta-se o lápis e, então, vai-se à linha superior e inicia-se o traço que vai, depois de descer pelo lado direito do ‘a’, seguir adiante para formar a próxima letra”. Para finalizar, uma lição a ser tomada a sério por quem quer aprender esse estilo de escrita à inglesa: “As letras são sempre ovais, elípticas, e inclinadas.” Assim é quando a caligrafia é tomada a sério.

**Padronização** – O vocábulo, cuja origem está na língua grega, designa a arte ou técnica de escrever à mão. Mas não é só pegar o lápis e sair rabiscando. A caligrafia – “escrita bela”, em seu sentido original – pressupõe que as letras sejam produzidas de forma elegante e harmônica. E isso sempre seguindo

algum padrão. Padronização, aliás, é um dos pontos sobre os quais Elvira é mais enfática. Depois de pedir-me que escrevesse meu nome, fez uma breve análise de minha escrita. “As minúsculas não estão parelhas”, diz enquanto faz um traço com o lápis para mostrar-me a variação na altura das letras. Para ensinar esse estilo de escrita, ela utiliza um material impresso que contém exercícios como os tradicionais de caligrafia, com as linhas típicas dos cadernos para esse fim, mas isso apenas para começar. Depois, prefere que o aluno continue no caderno comum: “Tens que usar toda a largura da linha aqui, para que fiquem to-das as le-tras do mes-mo ta-ma-nho”, diz escandindo as sílabas para dar ênfase enquanto escreve ‘ana’ para demonstrar.

“O trabalho da escrita é baseado na repetição e no treinamento, assim como um músico que treina a mesma composição várias vezes para aperfeiçoá-la”, ensina com a experiência de quem dá aulas de música há muitos anos. Aprender a tocar teclado, acordeão, violão e técnica vocal, assim como a escrever de forma harmônica e bela, exige, pois, disciplina e persistência. Elvira diz que a ideia é fazer com que o aluno fique tão habituado a fazer um determinado movimento, que depois ele se torna um novo hábito, sobretudo na escrita à mão, que é um processo mecânico. “Do contrário, logo depois tu voltas a escrever como fazias antes”, pondera. E aconselha: “O trabalho de caligrafia, principalmente no começo, tem de ser feito bem devagar”. Isso porque, destaca a professora que tem uma década de experiência na escrita artística, é como desenhar as letras. “Então, não adianta querer fazer rápido!”, exclama.

Outra lição dada por Elvira é jamais usar borracha. “Apagar nos faz esquecer”, diverte-se. Mas a chave para aprender caligrafia é exatamente a memória: “Não debes comparar com a última letra ou traço que fizeste, mas com o modelo inicial. Aos poucos vai-se distorcendo a letra”, diz para enfatizar o quanto é preciso disciplinar-se. “De outro modo, lá adiante se volta à forma como se escrevia antes”, reitera para mostrar o quanto aprender caligrafia é um processo de aprendizado mecânico, mas que exige consciência e cuidado com o que se faz. “Quando falo parece complicado, mas depois de pegar a ‘manha’, fica mais fácil”, tranquiliza-me.

“Os alunos não trapaceiam?”, pergunto ao lembrar as aulas de caligrafia que tive no colégio, quando escrevia cada vez mais esticado e aumentando a distância entre as letras para fazer mais rápido e livrar-me da tarefa.. “Mas é por isso que é preciso manter sempre a mesma distância entre elas”, adverte Elvira. “Se vejo que o caso do aluno está muito complicado, dou uns exercícios a mais para treinar. Às vezes, nem é falta de coordenação, mas do hábito de escrever à mão”, esclarece. Entre as maiores dificuldades, Elvira logo pontua que é a mesma detectada quando escrevi meu nome para sua avaliação: manter a mesma altura em todas as letras. “Tem gente que não gosta do ‘b’. Tenho uma aluna que reclama do ‘f’. Tem quem não goste do ‘q’. E todos reclamam de todas as maiúsculas”, enumera.

Quem vê as maiúsculas – cheias de laçadas, traços e voltinhas – provavelmente logo se apavora, mas elas são o



terceiro passo no processo de ensino usado por Elvira. Primeiramente, começa-se com traços simples e básicos que depois vão formar as letras – tais como os que ela me propôs em minha breve aula introdutória. Logo, inicia-se o aprendizado das letras minúsculas e, então, de palavras que as contenham. A seguir vem o desafio das trabalhadas e refinadas letras maiúsculas, que depois vão servir para grafar nomes próprios. Na sequência, Elvira propõe frases e, finalmente, textos.

**Trabalho prazeroso** – Além de dar aulas de caligrafia a pessoas que queiram aprender seu ofício ou mesmo àqueles que só desejem melhorar a letra, Elvira Kern escreve em letra bonita como forma de complementar sua renda desde o tempo em que era professora de música – atividade que aos poucos foi diminuindo. O aprendizado da caligrafia ocorreu há cerca de dez anos, movido pela curiosidade. “Eu sempre observava a maneira como meu pai escrevia e achava muito bonita”, rememora. Guarda-livros – nome dado aos contadores em outros tempos – o pai de Elvira mantinha os cadernos nos quais anotava os fluxos de caixa da empresa para a Companhia Vinícola Rio-Grandense. “Nunca tive uma letra feia, sempre foi legível, mas não era como a do meu pai”, lembra com nostalgia.

Há vários tipos de letra para a escrita à mão. Elvira aprendeu dois. A gótica alemã é tipicamente adotada para escrever o nome do agraciado em diplomas. Essa escrita, porém, oferece uma dificuldade de entendimento pela quantidade de adereços e por ser

menos usual no dia a dia, o que tem feito com que não seja tão utilizada. O outro estilo, claro, é o da escrita cursiva comercial inglesa – aquela cujos traços básicos Elvira me ensinou. “É a que eu mais uso para identificar os envelopes de convite de casamentos e formaturas, e mesmo para fazer legendas para fotos em álbuns de fotografia. Já escrevi até poemas em quadros e placas para portas de quarto de maternidade”, relembra.

“É um trabalho prazeroso, dá muita satisfação quando mostro o que faço, e as pessoas elogiam”. Elvira conta que, certa vez, uma noiva encomendou-lhe um trabalho, mas, preocupada com os custos do casamento, decidiu mandar escrever somente aqueles endereçados a convidados “de mais cerimônia”. Decidira ela mesma colocar os nomes nos destinados às pessoas mais íntimas. Quando recebeu os envelopes em que Elvira escrevera, reagiu: “Não vou passar vergonha diante de meus parentes! Vou mandar fazer nos demais!”. A calígrafa diz que já houve até quem se emocionasse e chorasse ao ver os envelopes devidamente endereçados em letra comercial cursiva inglesa escrita com bico de pena e tinta.

O trabalho é sazonal, com maior demanda nos meses de maio – época em que há muitos casamentos – e nos

meses de meio e de fim de ano, quando ocorrem muitas formaturas. “Esse é um tipo de trabalho difundido por indicação de alguém que tenha gostado”, explica. Elvira revela que já perdeu a conta de quantos envelopes já fez ou para quantos casamentos trabalhou. Para cada envelope, precisa de dois ou três minutos, dependendo do tipo de papel. “Nos mais rugosos, é preciso ter a mão muito firme, senão a letra sai tremida. A pena não desliza”, explica. Em tempo: a calígrafa trabalha com bico-de-pena – uma haste com a ponta em uma das extremidades e que deve ser molhada na tinta para escrever. A tarefa exige atenção e concentração, pois é preciso cuidado para grafar os nomes e palavras corretamente e, claro, para fazer uma letra bonita e não borrar. Observando a seriedade e a responsabilidade com que Elvira toma para si a tarefa de escrever de forma bela para os outros, lanço-lhe uma pergunta-desafio, que há algum tempo me vinha insistentemente à cabeça: “Se tens de escrever um bilhete, tua letra sai tão bonita quanto aquela que usas nos convites de casamento”? Ao que ela rapidamente responde: “Depende da pressa. Quando deixo um bilhete avisando que saí, a letra sai normal”, diverte-se. “Mas a letra melhora muito com a prática”, assevera.

**“Hoje, não se fala em caligrafia para uma ‘bela letra’, mas os livros didáticos insistem na legibilidade”**

*Patrícia Camini*

Com o advento da imprensa, a nobreza começou a valorizar as obras escritas à mão, pois se tornaram mais raras e, portanto, objetos de distinção social



A calígrafa profissional Elvira Kern (fotos) escreve com bico-de-pena para identificar envelopes de convites de formatura e de casamento

# Estilos de uma mesma técnica

O hábito de registrar as coisas de forma gráfica é ancestral para os humanos, como se vê nas pinturas feitas em cavernas. Figuras de animais, formas geométricas e diversos outros elementos pictóricos eram feitos como modo de registrar ideias e diversos outros elementos de maneira estática. Não chegavam a configurar uma escrita propriamente dita, mas, segundo a paleontóloga e professora do curso de Museologia da UFRGS Ana Regina Berwanger, esses grafismos podem ser considerados a forma embrionária de maneiras mais complexas de registro. Com o passar do tempo, aos poucos, esses humanos foram começando a representar sequências de ideias ou fatos com um só símbolo, numa espécie de narrativa caracterizada pela abstração.

É o período que Ana Regina e João Eurípedes Franklin Leal, no livro *Noções de paleografia e de diplomática*, chamam de pictografia. A partir daí, os sistemas de representação foram se complexificando, passando pelos ideogramas (símbolos que representam uma palavra ou um grupo), pela silabografia (em que cada símbolo designa uma sílaba), até chegar ao atual sistema fonográfico ou fonético (no qual cada letra representa um som). “Depois de inventado o alfabeto, nada mais se criou em termos de escrita”, explica a professora. O que veio depois, segundo ela, foram adaptações ou variações. Mas foi entre os séculos XV e

XVI, sobretudo a partir da então cidade-estado – hoje município italiano – de Florença, que surgiu o estilo que sobreviveria até os nossos dias: o humanista.

A escrita, de acordo com o historiador e professor da UFRGS Eduardo Neumann, é um adestramento, não é um atributo natural dos humanos. “Ela tem uma função de controle contábil e administrativo, e de dominação do saber e de poder”, explica. A escrita permite, em boa medida, perceber os distintos estratos socioculturais, desde uma escrita mais elegante, culta, até uma escrita sem tanta instrumentalização, de grupos que não tiveram muito aprimoramento. “Dominar o adestramento leva tempo”, justifica. Mas o professor e pesquisador adverte: “Caligrafia – escrita bela – não é indicativo de nível intelectual, não é um indicador de nível cultural. Denota apenas que a pessoa foi bem treinada”. Segundo Neumann, houve, em determinados momentos da história, figuras que foram notabilizadas pelo uso da escrita, como contadores e secretários, já que precisavam escrever de forma legível para que depois esses documentos fossem compreendidos. A partir do desenvolvimento da prensa de tipos móveis por Gutenberg, em meados do século XV, e da rápida disseminação dos impressos pela Europa, os manuscritos acabaram adquirindo um status diferente na sociedade. “A nobreza, com o advento da imprensa, começou

a valorizar as obras escritas à mão, pois se tornaram mais raras e, portanto, objetos de distinção social. Seriam obras exclusivas”, conta.

Ao analisar a transição do modo de registro da escrita para os modos mecânicos, a designer gráfica e professora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS Ana Gruszynski diz ser mais uma adaptação corporal que propriamente uma questão cognitiva. “A mudança é do calo que se tinha no dedo por segurar lápis e caneta para a tendinite no pulso da nova geração”, acrescenta. “Hoje, o universo tipográfico digital oferece todos os desenhos de letras, até as manuscritas”, diz.

Basta acessar os repertórios de fontes de programas de computador ou mesmo procurar na internet para se perceber que há muitas famílias tipográficas que reproduzem a escrita à mão. “A tipografia prevê uma reprodução mecânica de um tipo de escrita artesanal. A diferença principal é a constância, a repetição exata dos caracteres que há no mecânico, mas não no manual”, sintetiza. Essas escritas, na contemporaneidade, foram adquirindo um novo caráter: “Usamos essas fontes manuscritas quase como ilustrações, não são letras operacionais. São desenhadas para cunhar uma determinada proposta associada à infância, a coisas de antigamente, elementos religiosos ou até mesmo de grupos específicos”, explica a professora.

“Ela [a escrita] tem uma função de controle contábil e administrativo, de dominação do saber e de poder”

*Eduardo Neumann*

## Entendendo o que se escreve

De acordo com a pedagoga e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS Patrícia Camini, a caligrafia escolar nasceu indiferenciada da caligrafia profissional. “O professor poderia ser qualquer um, pois é no século XX que esse papel se define”, esclarece. Até então, caligrafar era escrever. No século passado, passou-se a valorizar a escrita por seu caráter mais instrumental, ou seja, como expressão de ideias. “Começou-se também a questionar o uso da escrita ornamental, que dificulta a legibilidade. Ela foi sendo deixada para elementos particulares e de destaque, como títulos”, agrega.

Patrícia relata que, no Brasil, a maioria dos professores fica constrangida ao contar que dão tarefas de caligrafia em suas aulas. “Não é lúdico, é mecânico”, justifica. Em geral, os professores de-

tectam quem precisa fazer por não ter uma escrita legível e prescrevem atividades específicas. “Hoje, não se fala em caligrafia para uma ‘bela letra’, mas os livros didáticos insistem na legibilidade”, esclarece. Além disso, ela percebe duas outras tendências. A primeira é aliar os repetitivos exercícios de caligrafia a atividades mais lúdicas e que ajudem a desenvolver a motricidade, tais como jogos de ligar os pontos, desenhos para colorir, entre outras coisas. Conforme justifica a professora, “são exercícios para seduzir a criança a trabalhar sobre a escrita.” A outra tendência tem sido trabalhá-la aliada a outros aspectos da escrita, sobretudo os gramaticais. Patrícia diz ainda que a caligrafia tem um papel importante a desempenhar: “Ela tem ganhado força, pois muitas vezes nem o próprio autor compreende o que escreveu”.





O urbanista e ativista colombiano acredita ser impossível desenvolver um sistema de transporte sem ter clareza sobre o tipo de cidade que desejamos e sobre o modo como queremos viver

Foi participando de uma bicicletada em uma manhã de domingo no parque da Redenção que Enrique Peñalosa deu início à sua visita à capital gaúcha. Economista e urbanista colombiano, ele foi o quarto conferencista do Fronteiras do Pensamento. Ativista do desenvolvimento sustentável das cidades, defende o uso de meios de transporte público e a valorização do espaço dos pedestres. Durante seu mandato como prefeito de Bogotá (1998-2001), implementou diversas áreas de passeio, o BRT (Bus Rapid Transit – rede rápida e interligada de ônibus) e ciclovias.

Na manhã da conferência, Peñalosa conversou durante quase uma hora com a equipe do JU e o professor do Departamento de Engenharia de Produção e Transportes da UFRGS João Fortini Albano sobre desenvolvimento das cidades, mobilidade urbana e alternativas ao caos do trânsito. Segundo ele, a democracia e a igualdade moldam uma boa cidade, projetada para as crianças, e não para os carros. Metrôpoles com grandes áreas verdes, espaços dignos para pedestres e que invistam em transporte público não são uma ilusão hippie para o urbanista, elas são possíveis e já existem.

**É possível hoje ter uma cidade desenvolvida e com qualidade de vida?**

Tudo é possível. Nós temos uma varinha mágica chamada tempo. Para a vida de um homem, 50 anos é muito, mas, para a vida de uma cidade, 100, 200 anos não são nada. Então, se deixamos passar 100 anos, tudo é possível. Só é preciso ter claro o que queremos, e acho que isto não está claro. Nós temos mais ambientes que nos causem mal-estar do que felicidade. A mudança é sempre difícil, mas precisamos ver que o que existe hoje é algo terrível, um desastre ambiental e humano. Espero que, em 200 anos, possamos olhar para o passado e pensar: “Como as pessoas conseguiram viver nesses lugares tão espantosos como no ano de 2012?”. As cidades se desenharam para os carros, não para as crianças.

**E como fazer delas um lugar para as pessoas e não para os automóveis?**

Não é um tema econômico. Quando falamos de cidades quase sem carros, não

# Uma cidade para as pessoas

**Enrique Peñalosa** *Ex-prefeito de Bogotá defende a limitação do uso do automóvel para solucionar os engarrafamentos*

é uma utopia hippie. Metrôpoles nesse modelo já existem e são as mais prósperas do mundo, como o centro de Londres, o centro de Nova York, o centro de Paris. Estamos falando de algo real. Há muitas metrôpoles onde as pessoas ricas não têm carros. Primeiro temos que entender que a cidade avançada não é aquela em que até os pobres se movimentam em carros, mas aquela em que até os ricos usam o transporte público. Todos os problemas urbanos têm a ver com a igualdade, e as nossas cidades são desiguais. Não agrada aos ricos estar com os pobres. Os ricos da Colômbia e do Brasil se sentem muito orgulhosos em usar o metrô de Nova York junto aos pobres de Nova York, mas eles não gostam de estar junto com os pobres de suas cidades no transporte público. Uma boa cidade é um lugar onde os ricos e os pobres se encontram em muitos contextos: parques, calçadas, atividades culturais, transportes públicos. O que necessitamos é de um meio de locomoção cômoda e rápida sem precisar usar carros. Temos que facilitar e tornar mais atrativo o uso do transporte público, e dificultar cada vez mais o uso do automóvel.

**Como construir um bom sistema de mobilidade?**

É importante entender que o transporte público soluciona a mobilidade, mas não acaba com os engarrafamentos. São dois problemas diferentes, que exigem soluções distintas. O problema de mobilidade é solucionado com transpor-

te público: metrô, BRT, ônibus. Obviamente o transporte público é necessário para solucionar os engarrafamentos, mas não é o bastante. É preciso restringir o uso do carro. Limitar o uso, não a posse, restringindo o estacionamento, utilizando o rodízio de placas e cobrando pelo uso do carro. Em Londres, os ricos utilizam o transporte público não porque é de qualidade, mas porque as taxas para o uso de automóveis são muito altas, porque não há onde estacionar e porque o tempo do trajeto é mais lento. Creio que a decisão mais clara, se os governos se atrevessem, seria cobrar impostos cada vez mais altos pelo uso de automóvel para subsidiar um transporte público de maior qualidade e menor custo. Não é um problema técnico, é um problema político. Se temos uma democracia na qual todos os cidadãos são iguais perante a lei, então um ônibus com 50 passageiros tem direito a 50 vezes mais espaço do que um carro com um passageiro. A discussão importante é como distribuímos os espaços das vias. Tenho um exemplo: se tivéssemos uma escassez de combustível muito grave e só houvesse gasolina para 5% dos veículos, a quem daríamos esse combustível? Claramente, daríamos para os ônibus e para os caminhões, porque senão a cidade morre. É uma decisão óbvia. Agora, imaginemos que o que é escasso não é o combustível, mas o espaço. É o mesmo raciocínio.

**Qual o custo político dessas ações?**  
Sempre é difícil, mas é importante ter

claro, antes de começar a ver por que é difícil ou por que é custoso, que temos de fazê-lo. Depois vemos como lidamos, mesmo que demore 50 anos. Tudo tem a ver com o desenho da cidade; as pessoas não querem viver em um lugar como o centro de Porto Alegre. Se eu tenho filhos, não quero que eles vivam aqui, um local escuro e perigoso em que não há espaços agradáveis para pedestres. É muito perigoso, não é agradável. Mas tampouco podemos viver em uma casa no subúrbio com um grande jardim. Portanto, temos de reinventar o desenho urbano: um desenho que seja compacto. Claramente, não é um compacto como o centro de Porto Alegre, mas um compacto distinto. Creio que seja possível criar uma cidade compacta que tenha centenas de quilômetros somente para os ônibus, os parques, os pedestres e as bicicletas. Se fizermos algo imediato e prático, pouco a pouco poderemos fazer muitas coisas: ampliar as calçadas, construir ciclovias protegidas – mas não nas vias secundárias, nas principais –, ter um transporte público melhor, restringir os estacionamentos, aplicar impostos mais altos à gasolina. Há muito por fazer, e já há várias iniciativas em andamento.

**Como foi esse processo em Bogotá?**

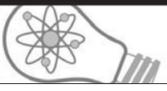
Não quero que pensem que Bogotá é maravilhosa. Bogotá é um desastre. Fizemos alguns experimentos que funcionaram muito bem. E ela tornou-se interessante por esses experimentos, mas não por ser uma cidade exemplar.

O que realizamos lá foram alguns exercícios interessantes em uma cidade grande e caótica, e que por isso tiveram tanto impacto. Criamos, por exemplo, o sistema de BRT que é de altíssima capacidade. Poderia haver ajustes. Hoje mobilizamos quase 50 mil passageiros hora/sentido, mas poderíamos mobilizar mais de 60 mil com algumas mudanças muito simples. Também investimos em melhoramentos nos espaços dos pedestres: calçadas, praças, parques, e tudo isso contribuiu para baixar as taxas de criminalidade. Foi o primeiro lugar onde fizemos um projeto grande de ciclovias, com exceção da Holanda. Em 1999, construímos mais de 300 km de ciclovias. Isso não é nada especial, mas passamos de 0% para 5% da população usando a bicicleta. Ainda é pouco, mas os BRTs e as ciclovias são muito importantes como símbolos de democracia. Porque, quando todos os carros estão engarrafados e o ônibus passa em velocidade, é muito emblemático. Apesar de bastante útil, o metrô não é emblemático, porque coloca os cidadãos que usam o transporte público debaixo da terra. As ciclovias também são símbolos: em Bogotá, elas são 50% importantes porque protegem o ciclista e 50% importantes porque aumentam o status social do ciclista, o que mostra que uma bicicleta de \$30 tem tanto valor quanto um carro de \$30.000.

**O que podemos esperar das cidades para os próximos anos?**

Creio que no mundo inteiro, de uma ou outra maneira, felizmente, estamos avançando muito para restringir mais o uso dos carros e aumentar o espaço dos pedestres e dos ciclistas. Mas esse é um processo difícil. Estamos falando de maneiras distintas de organizar a vida. Não posso desenvolver um sistema de transporte se não tenho claro que tipo de cidade eu quero. E antes de saber que tipo de cidade eu quero, tenho que saber como quero viver, porque uma cidade é apenas um meio de viver. Então, acaba que o tema dos transportes é algo mais próximo da religião do que da engenharia.

Priscila Daniel, estudante do 5.º semestre de Jornalismo na Fabico



# Espiritualidade e saúde no HCPA



FLAVIO DUTRA/JU

A enfermeira Luciana Dezorzi integra uma equipe de profissionais de saúde que atende às solicitações de acompanhamento religioso ou espiritual de pacientes e seus familiares no HCPA

## Medicina Série de iniciativas no Hospital de Clínicas de Porto Alegre reconhece a importância do respeito aos credos e valores no tratamento dos pacientes

Jacira Cabral da Silveira

Numa noite dessas, ao abrir a porta da enfermaria, Marta deparou-se com uma paciente muito insegura e chorosa, assustada com o motivo de sua internação. À medida que preparava a jovem senhora para dar início aos exames, falava num tom de voz tranquilo. Explicando pacientemente todos os procedimentos que seriam desenvolvidos ali, pedia-lhe que respirasse profundamente. Ao final, já sendo encaminhada a outra unidade hospitalar, a paciente disse antes de sair: “Comecei a ficar bem quando tu te apresentaste e disseste que ia cuidar de mim”.

Marta Goes é enfermeira no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) há 27 anos. Atualmente, trabalha na Unidade de Hemodinâmica e é reconhecida por seus colegas – técnicos, médicos e enfermeiros – por sua conduta atenciosa junto aos doentes. Por conta disso, quando chega um paciente mais angustiado ou tenso com sua condição de saúde, todos lembram: “Esse é um paciente para Marta”. Tal empatia, ela diz ter desenvolvido ao longo dos anos e o fez a partir de suas próprias crenças e valores espirituais.

Responsável por receber e preparar os pacientes para exames de cateterismo e angioplastia, entre outros, Marta está sempre atenta para identificar

aqueles que demonstram querer um atendimento de escuta e conforto, podendo ou não ser religioso. Dependendo do caso, ela própria se oferece para orar junto com eles, assim como faz para si mesma antes de começar seu dia de trabalho, quando envolve a todos em suas preces, dos pacientes aos colegas de trabalho. Para Marta, o cuidado técnico e o espiritual não são excludentes, mas complementares.

Ao procurar acalmar uma pessoa que chega fragilizada, conversando sobre seus temores e perguntando se ela tem alguma crença ou valor espiritual que a fortaleça para enfrentar tal situação, consegue diminuir a tensão do paciente e, entre outras consequências clínicas, normalizar sua frequência cardíaca, favorecendo o tratamento. “Uma coisa não invalida a outra”, observa. Segundo ela, o curso de Enfermagem já aborda a questão da espiritualidade e saúde na disciplina de Filosofia: “Mas ainda é pouco”, destaca.

**Catálogo** – Desde o início do ano, o HCPA conta com um cadastro para atender às solicitações de acompanhamento religioso ou espiritual de pacientes e seus familiares, especialmente aqueles que residem no interior do estado, por não terem contato com membros de suas designações religiosas fora de suas cidades.

O cadastro é um dos resultados práticos de uma série de ações no sentido de reconhecer a importância do respeito aos credos e valores espirituais dos pacientes em seu tratamento. De acordo com a enfermeira Luciana Dezorzi, uma das organizadoras do serviço, muitas vezes os pacientes pedem por esse auxílio, querem que alguém escute sua dor, que esteja presente ao seu lado e até segure sua mão. Em outros casos, essa necessidade traduz-se no pedido de um atendimento religioso: “Em geral, o que a gente percebe no cotidiano é que a religião ou a espiritualidade dão suporte, apoio e motivação para o paciente enfrentar o momento de medo ou inquietação”.

Quando Luciana entrevista seus pacientes durante as consultas no setor de oncologia genital – e esse é o

procedimento geral para todo paciente –, não se limita a perguntar qual a religião, mas também se a pessoa tem alguma crença ou valor espiritual que pratique. Ela assegura que essa atitude muda inclusive a forma de vínculo entre o paciente e o profissional de saúde, criando um laço de confiança e o sentimento de conforto por parte do doente. Embora existam outras experiências de cuidadores como Marta e Luciana dentro do HCPA, ainda há muito a ser feito: “O Hospital está voltado a melhorar seus processos de trabalho”, garante Luciana.

## Profissionais de saúde buscam em suas crenças o suporte necessário para trabalhar com a doença do outro

**Acreditação** – Esse movimento vem ocorrendo no cotidiano do cuidador no Hospital de Clínicas e em outras situações de maneira silenciosa há bastante tempo. Em 2007, foi realizado o encontro *Espaço da Alma*, destinado aos cuidadores, que são enfermeiros, técnicos, psicólogos e médicos. Desde então, o evento ocorre anualmente como parte das atividades da Semana da Enfermagem, próximo ao dia da Enfermagem, 12 de maio. O objetivo do encontro era trazer ao debate as práticas integrativas de saúde, os aspectos relacionados ao autoconhecimento e as questões de espiritualidade.

Em 2009, após o II Fórum *Universidade e Espiritualidade: Novos Olhares Transdisciplinares* o grupo de cuidado-

res do HCPA que já vinha discutindo o tema começou a organizar-se de forma mais efetiva. As primeiras atividades foram ações de educação como oficinas e rodas de conversa sobre espiritualidade e saúde e o compartilhamento de experiências pessoais de como cada um vivia a questão da espiritualidade em sua prática profissional no dia a dia dentro do hospital.

**Direito dos pacientes** – No ano seguinte, buscando o credenciamento da *Joint Commission International Accreditation Standards for Hospitals*, organização independente que certifica mais de 19 mil organizações de saúde e programas nos Estados Unidos, o HCPA passou por um processo de avaliação de seus procedimentos internos. Entre os critérios a serem avaliados dentro das exigências da *Joint Commission*, existe um capítulo que trata dos direitos de pacientes e familiares, e cujo primeiro quesito refere-se ao respeito e à atenção a crenças e valores espirituais.

“Nesse quesito, especialmente, não fomos bem avaliados, pois os avaliadores não encontraram registros de conversas com os pacientes”, relata Luciana. A única unidade que apresentou trabalho nessa área foi a que recebe os pacientes diagnosticados como fora de possibilidade terapêutica de cura. “Quando se tem mais nítida a morte, provavelmente as questões espirituais sejam abordadas com mais facilidade. Mas elas estão entrelaçadas no cotidiano.”

A necessidade dessa certificação veio legitimar ainda mais o movimen-

to que já vinha sendo realizado pelo grupo do qual Luciana fazia parte. Eles foram convidados a integrar a comissão especialmente formada para trabalhar os direitos de crenças e valores espirituais dos pacientes e seus familiares (Grupo PFL – sigla em inglês), atuando como facilitadores nesse processo. “Éramos técnicos de enfermagem, enfermeiros e médicos”, relembra a enfermeira.

Surgiu assim o Núcleo de Estudos Interdisciplinares de Saúde e Espiritualidade, que passou a existir oficialmente em 2011, durante o I Fórum de Espiritualidade e Saúde promovido pelo HCPA. Mesmo considerando que o tema da espiritualidade não está vinculado necessariamente a escolhas religiosas, foram convidados a palestrar nesse encontro líderes das religiões apontadas no Censo de 2000 como as de maior prevalência: Católica, Evangélica Luterana do Brasil, Federação Espírita do RS, Budista e igrejas de matriz africana.

O objetivo era entender as crenças e valores espirituais de cada segmento religioso. O Fórum lotou o anfiteatro do Hospital, que tem capacidade para 340 pessoas. “Isso mostra como a população interna de profissionais realmente tem interesse em aprender sobre o tema e revela que possivelmente boa parte de nós não teve e ainda não tem educação para trabalhar com essas questões.” Baseada no convívio com seus colegas, Luciana acredita que muitos dos profissionais de saúde buscam em suas crenças e valores espirituais o apoio e suporte para trabalhar com a doença do outro.

## Credenciamento permanente

Até agora, dez instituições religiosas já se cadastraram: Zen-Budista, Espírita, Israelita, Luterana, Episcopal, Adventista, Católica, Universal e Brasil para Cristo. Além dos telefones e e-mail para contato, constam do catálogo o tipo de serviço prestado: oração,

diálogo, comunhão, passes, etc. Por ser de caráter permanente, a todo o momento as denominações religiosas interessadas em cadastrar-se podem entrar em contato com o HCPA pelo endereço [acandaten@hcpa.ufrgs.br](mailto:acandaten@hcpa.ufrgs.br) ou pelo telefone (51) 3359-8773.



ELISA BORTOLINI/ARQUIVO JU



# Nelson e nada mais

Encenada em agosto de 2011 no projeto Teatro, Pesquisa e Extensão, o espetáculo "Experimento Nelson 4 - OT/TO" teve um público recorde

## Teatro

### Considerado um dos maiores dramaturgos do Brasil, Nelson Rodrigues faria 100 anos em 2012

Uma peça encenada em três planos – realidade, alucinação e memória. O contexto é o da classe média carioca na década de 40 e na trama a personagem Alaide é atropelada. Enquanto é operada no hospital, ela vaga pelos três planos de sua vida, oscilando entre seus desejos mais íntimos e suas angústias, vivenciando as memórias, as prospeções e o real. Esse é parte do enredo de "Vestido de Noiva" (1943), segunda peça escrita por Nelson Rodrigues e que para muitos marca uma revolução na história do teatro moderno brasileiro. Um autor do aplauso e da crítica, ele marcou uma época e um estilo.

Neste mês, o escritor pernambucano completaria 100 anos de uma trajetória que se confunde com a história da dramaturgia moderna nacional. Ao longo de sua vida, interrompida em 1980, Nelson viveu intensamente, deixando um grande legado para

estudiosos, pesquisadores, aspirantes ou simples apreciadores de um bom texto ou peça. No ano de seu centenário, surgem por todo o país remontagens, exposições e tributos ao autor. A consagração não é por acaso. Considerado por muitos como o maior dramaturgo brasileiro de todos os tempos, não há como negar sua importância para o cenário cultural moderno.

**Anjo Negro** – "É um escritor que está para o teatro assim como Machado de Assis está para o romance no Brasil", compara o professor do Instituto de Letras da UFRGS Luís Augusto Fischer. Com espetáculos como "Vestido de Noiva" (1943), "Álbum de Família" (1946) e "Anjo Negro" (1947), o dramaturgo revolucionou as artes cênicas do país. Transcrevendo a linguagem cotidiana e abordando tabus, ele trouxe reflexões que o tornam até hoje um autor atual. Ao revelar as contradições e os instintos do homem comum, destacou-se em uma época conservadora. "É o primeiro cara que entende como positivo o nosso jeito de ser, e não o jeito como deveríamos ser", analisa o estudioso Caco Coelho, atual diretor da Usina do Gasômetro. "Ele pega a realidade sufocada e transborda isso. E esse transbordamento é a potencialização do ser. Isso permite que os desejos aflorem e que sejam revelados. E esse é o princípio libertário do ser", explica

o diretor, para quem as personagens de Nelson não são apenas uma reprodução do homem, mas uma transformação com sentido transgressor.

Mas a obra rodrigueana vai além das peças teatrais. Seu reconhecimento vem também pelo período em que ele trabalhou com o jornalismo e pelos inúmeros textos sobre futebol, obras narrativas e crônicas, como as que compõem a coletânea "A Vida Como Ela É", que teve várias adaptações para a televisão e o teatro. "Ele se inspirava muito na vida; gostava de ouvir, e de tudo o que escutava sempre retirava alguma coisa", comenta Nelson Rodrigues Filho. Uma de suas principais fontes de inspiração era sua própria vida, repleta de altos e baixos, que ele conseguiu transcrever com maestria.

Do convívio familiar, ficou o aspecto intelectual e a inclinação política. Seguindo os passos do pai, Mário Rodrigues, começou cedo a trabalhar no setor policial do jornal A Manhã. "Ele era filho de um dono de jornal e tinha um irmão mais velho que já era redator; então escrever fazia parte da brincadeira", comenta o professor Fischer. Da experiência no jornalismo, Nelson somou a fluência, o domínio de ritmo e o adestramento de texto. "Ele dizia que aos 20 anos já tinha lido o equivalente às obras completas de Shakespeare, no sentido que tinha visto muita coisa na vida que só um grande autor poderia ter escrito", ressalta Fischer, que estudou Nelson em suas teses de mestrado e doutorado.

Com traços realistas e naturalistas, o dramaturgo bebeu da fonte de autores como Fiódor Dostoiévski, Alexandre Dumas, Émile Zola e Eça de Queirós. Por trás da clássica máquina de escrever e do terno alinhado, havia um grande intelectual, que se alimentava de diversas vertentes culturais e que, mesmo conhecido por ser revolucionário, carregava certos conservadorismos. "A obra dele é altamente revolucionária porque mexe com coisas que ninguém mexia. Mas ele pessoalmente era conservador. Ele é o 'anjo pornográfico', o 'menino que vê o amor pelo buraco da fechadura'. Ele usa muito a contradição nas palavras", exemplifica Nelson Filho. "Ele colocava as verdades em forma de contradição", conclui.

**O Homem Proibido** – "Oh, não. Outra peça de Nelson Rodrigues! Esse era o comentário no antigo Necrotério Municipal da Praça Quinze, [na capital carioca] onde funcionava agora o Departamento de Censura Federal." O trecho do livro O

## TPE

Em 2012, a peça "Osculum", inspirada na obra O Beijo no Asfalto (1960) será encenada como parte da programação do projeto Teatro, Pesquisa e Extensão (TPE). As exposições acontecem em todas as quartas-feiras de outubro às 12h30min e às 19h30min, na Sala Alzira Azevedo (Av. Salgado Filho, 340). A entrada é franca.

Anjo Pornográfico, biografia de Nelson escrita por Ruy Castro (Ed. Companhia das Letras, 1992, 464 páginas), ilustra a grande censura sofrida pelo autor durante a ditadura militar. Considerado pervertido e transgressor, ele foi um dos escritores mais desaprovados pelo governo. Na primeira edição de O Casamento, de 1966, por exemplo, figurava a frase: "Leitura para adultos". Apesar do aviso, o livro foi proibido pelo governo de Castello Branco, considerado indecoroso e contra a instituição familiar.

Mesmo com toda a censura sofrida, sua fama de reacionário e de defensor do golpe ainda resiste no imaginário brasileiro. Entretanto, muitas de suas características são mal interpretadas. "Ele era contra o comunismo, defendia a ditadura militar e acreditou, por exemplo, no Médico, pois achava que poderia consertar alguma coisa. Mas era uma pessoa diferente. A gente não pode dizer que meu pai era de direita, porque era a favor da liberdade, contra a prisão dos artistas e sempre foi contra a tortura", comenta o filho, preso político durante os anos de chumbo, e que contou ao pai sobre a existência da tortura nos porões do país.

Daquele período, Caco Coelho acredita ainda sobreviver um véu de censura sobre as obras do autor. "A arte não serve pra nada a não ser pra transformação do ser; ela não pode ter nenhum outro objetivo concreto, ela tem que ter um propósito de transformação. E isso é que foi de alguma forma retirado da obra do Nelson. Ela hoje está identificada com o seu personalismo, e não com esse sentido de transformação. O que queremos no seu centenário é que surja esse sentido brasileiro, radical, transformador, coletivizante", resume o estudioso. "Acredito que estamos vivendo neste momento uma redescoberta ou até uma descoberta da obra rodrigueana", conclui.

Priscila Daniel, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabico

## JU indica

### Três Ensaios sobre Juventude e Violência

Rose Gurski  
São Paulo, Editora Escuta, 2012,  
176 páginas  
R\$ 40 (preço médio)



Que jovem é esse? Essa é a reflexão proposta pela autora neste livro lançado em julho. Instigada pela crescente onda de brutalidade e violência entre os adolescentes de todas as classes

sociais, Rose Gurski propõe um estudo para entender o que motiva essa forma de expressão e como se constitui esse processo. No prefácio, assinado pela psicanalista Diana Corso, é levantado o questionamento: "É isto um jovem?", partindo da dúvida do escritor italiano Primo Levi, que ao vivenciar a rotina de um campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial pergunta: "É isto um homem?". Ao longo das 176 páginas, a autora desenvolve um estudo sobre a violência que cerca o período emblemático da adolescência e se expressa por meio de atos brutais, homicídios e vandalismo. Os ensaios são uma reflexão sobre a contemporaneidade e sua influência no comportamento dos jovens, frequentemente identificados com a violência.

A publicação é o resultado da união entre o trabalho dela no atendimento clínico de jovens e de suas famílias, associada a suas pesquisas para o doutorado. Mestre em Psicologia e doutora em Educação, ambos pela UFRGS, Rose é psicanalista e professora do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da Universidade. Guiando-se por notícias de jornais e revistas, e refletindo sobre produções cinematográficas como Aos Treze (2003), Alpha Dog (2003), Cama de Gato (2002) e Laranja Mecânica (1971), ela analisa a constituição do jovem atual. "Os impasses e atitudes apresentados pela juventude, em cada época, revelam o que está em jogo no cenário social, no sentido tanto do presente quanto do futuro da cultura e da sociedade", provoca a psicanalista na página 33. Levando em consideração o contexto em que se desenvolveram os adolescentes de hoje, Rose busca não se limitar a justificativas causais, como explica na página 38. "Queremos dimensionar essa discussão a partir da noção de que o sujeito e suas construções constituem uma realidade psíquica e histórico-cultural e não algo invariável no tempo e no espaço."

O terceiro ensaio, intitulado "Tempo de Criar", parte do caso de Cho Seung-hui, sul-coreano de 23 anos que em 2007 matou 32 pessoas em uma universidade americana para em seguida cometer suicídio como forma de manifesto. Todo o ato foi planejado e gravado em vídeo, transformando-se em um espetáculo midiático. Exemplos como esse levantam a discussão sobre as consequências da modernidade nas novas formas de expressão. O debate parte de questões como a falta de apoio de uma estrutura familiar em mutação e o excesso da influência midiática sobre os jovens. Baseando-se em autores renomados como Walter Benjamin, Hannah Arendt e Maria Rita Kehl, a autora discute o esvaziamento da experiência na adolescência contemporânea e a carência na transmissão da herança do passado, importante para a formação do novo indivíduo. "Na impossibilidade de se interrogar sobre a origem, o simbólico deixa de ser eficaz, surgindo a paixão pelo real e seu correlato: a violência", pondera a professora na página 163. As falhas na transmissão de um legado colocam em jogo o modo como o jovem lida com a experiência que se apresenta à sua frente. A partir dessa premissa, Rose reflete sobre as expressões da juventude e sobre as marcas deixadas por esse processo. (Priscila Daniel)

## Bilheteria recorde

**CENA XIII**  
OTTO: Olha, o negócio é o seguinte. É jogo de Psicanálise. O freguês deita no divã. E eu vou bancar o Freud. Tomar notas. Num caderninho. O que tá deitado conta as próprias sujeiras.  
OTTOS: Quero tirar as minhas calças!  
OTTO: O meu michê mais barato foi setenta e cinco contos. Foi em Brasília, na inauguração. O rapaz trabalhava numa obra. Descalço. Sujo imundo. Deu tudo de si.

Festa na casa do Dr. Werneck. Propõem-se um jogo e, a partir dele, revelações acontecem e os personagens trazem à tona aquilo que a sociedade os impede de dizer. O trecho faz parte da peça Experimento Nelson 4 - OT/TO, inspirada na obra "Bonitinha, mas Ordinária", de Nelson Rodrigues. Encenada por estudantes do Departamento de Arte Dramática da UFRGS, a montagem apresentada em agosto de 2011 teve o maior público

de todas as edições do projeto Teatro, Pesquisa e Extensão. "Vimos a força que o Nelson tem até hoje para chamar público", comenta Ander Belotto, diretor da peça. Para o estudante de Direção, uma das maiores vantagens de encenar o dramaturgo pernambucano é a liberdade proporcionada pelo autor. "Mesmo numa narrativa com início, meio e fim, personagens bem fixos e uma história a ser contada, ele permite várias interpretações." A proposta foi adaptar a linguagem e aproximá-la dos dias de hoje. Segundo muitos estudiosos, as obras de Nelson não se resumem a apenas uma maneira de direção ou montagem, mas permitem inúmeras adaptações. "Um clássico tem por princípio não ser respeitado, tem que ser utilizado. A vida do clássico está na sua irreverência", completa Caco Coelho, que empregou inovações em mais uma montagem da peça "Vestido de Noiva", que dirigiu no começo de 2012.



# E-Livros continuam caro\$

## Mercado editorial

**Especialistas explicam por que, mesmo com o aumento dos catálogos, os downloads são somente 30% mais baratos que as edições impressas**

Samantha Klein

Caro leitor, você acha que os livros custam muito? Sem entrar na discussão da importância da leitura e dos direitos autorais, é verdade que desde romances a manuais médicos é alto o custo de produção, além das vendas serem menores do que os livreiros gostariam. Porém, com a “popularização” dos e-books imaginava-se que os preços despencariam se comparados com os impressos. Mas isso não ocorreu e poderá nem acontecer, se depender dos editores.

**Mercado engatinhando** – Basta verificar que somente 5% dos brasileiros leem e-books, segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil do Instituto Pró-Livro, divulgada em março, para perceber que o mercado da leitura digital ainda está em formação. Panorama oposto ao dos Estados Unidos, onde no mesmo período, a Associação das Editoras Americanas (APP) revelou que a receita com a venda das edições para *download* superou a de livros em papel, com crescimento de quase 30% no período de um ano. Enquanto isso, a comercialização de impressos cresceu somente 2,7%. O e-livro só não conseguiu ainda superar o “paperback”, exemplares impressos em papel bem simples. Porém, neste lado do continente, os preços não conseguem fazer frente à pirataria e ao xerox no meio acadêmico, custando apenas 30% menos que as publicações físicas.

**“Existe uma concepção de que o livro é o papel, mas há todo um trabalho editorial, de diagramação e revisão”**

Um dos livros mais *baixados* no ano passado, não por acaso, foi a biografia do revolucionário criador da Apple, Steve Jobs. Somente a Livraria Saraiva comercializou 250 mil exemplares impressos, enquanto 6,5 mil e-books foram baixados. “Já é representativo, mas ainda é muito pouco. Por outro lado, foi uma das primeiras obras com lançamento simultâneo, e a intenção é aumentar o catálogo”, afirma o coordenador de negócios digitais da Companhia das Letras, Fábio Uehara.

Alguns editores relatam que a venda de livros digitais não chega a 1% do faturamento. Exemplo disso é o sucesso de vendas da L&PM *Feliz por Nada*, da Martha Medeiros. Em 2011, 150 mil unidades foram comercializadas, enquanto o número de cópias digitais não chegou a 500. O mesmo foi descrito pela Zouk, editora gaúcha especializada em publicações acadêmicas nas áreas da sociologia e das artes. “Os resultados são in-

significantes, por isso, só temos três títulos”, justifica o editor Alexandre Dias Ramos.

Entre as escolhas dos leitores de e-books estão em vantagem os romances, os livros de autoajuda e as obras de ficção e não-ficção. Já os livros acadêmicos ainda têm como grande barreira o custo e a plataforma das editoras, observa o diretor-presidente da Livraria Saraiva: “Os editores ainda não conseguiram entregar um conteúdo técnico acessível e atrativo e que realmente traga vantagem para o leitor do formato digital. Os audiobooks sofrem do mesmo problema”, diz Márcilio Pousada.

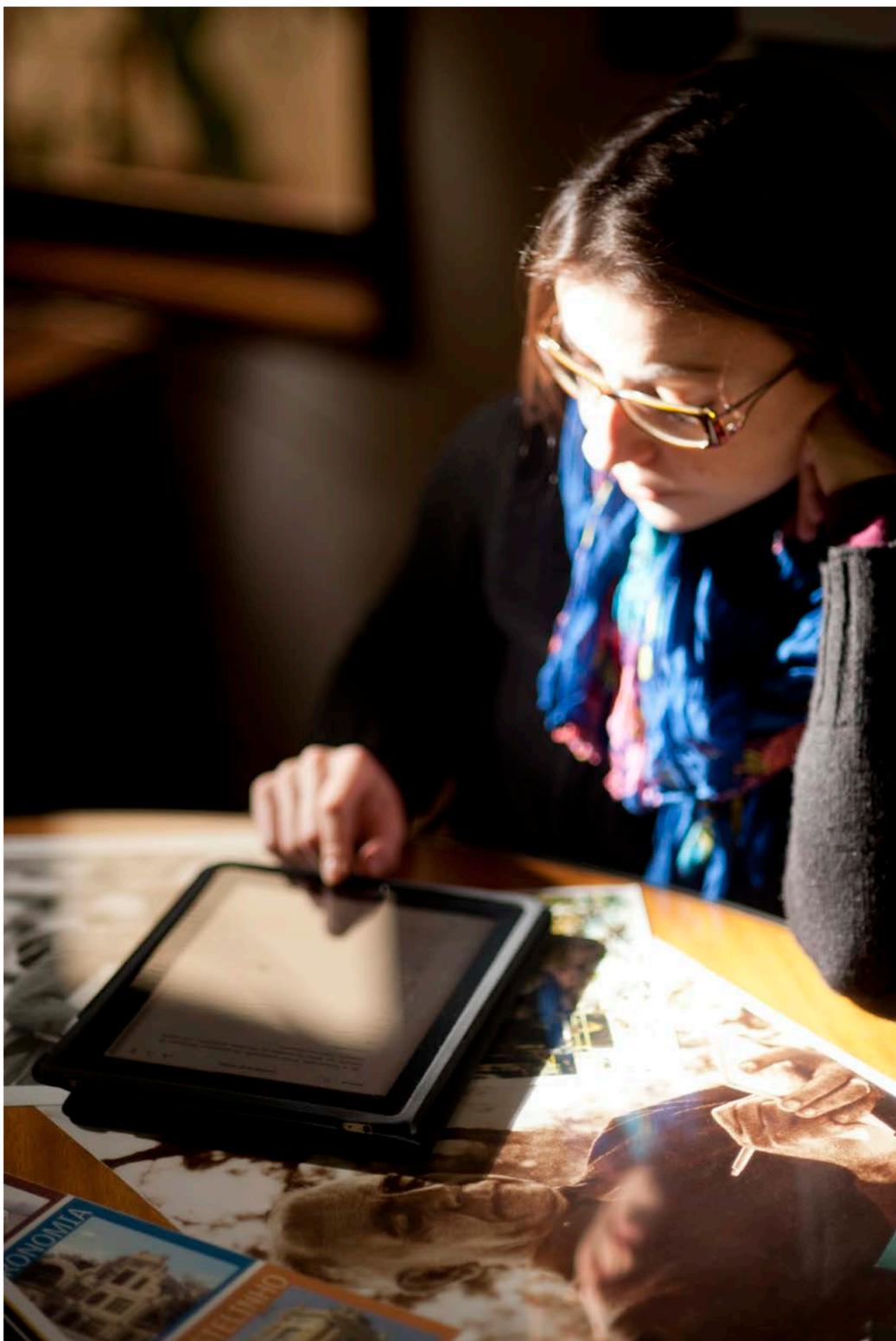
**Quase mesmo valor** – Em simples consulta aos sites das maiores livrarias do país, a constatação é clara: o preço dos livros impressos e digitais é praticamente o mesmo. O que explica isso se, em tese, o valor deveria ser menor considerando que o e-book elimina os custos com gráfica, papel e logística de distribuição?

O erro é pensar que o trabalho de produção de um livro limita-se ao papel, afirma Fábio Uehara. “Existe uma concepção de que o livro é o papel, mas há todo um trabalho editorial, de diagramação e revisão”, considera. Um título passa por até três revisões para minimizar as chances de erros de ortografia, o que também acontece com as publicações digitais para evitar a “fuga” da tela.

Para a designer e escritora especializada na leitura em dispositivos digitais Stella Dauer, é fundamental lembrar que os catálogos antigos ainda dão muito trabalho para serem formatados para o acesso virtual. “Essas obras têm de passar pela revisão segundo o novo acordo ortográfico e necessitam de tecnologia para serem lidas nos sistemas Android de alguns telefones ou no iOS da Apple para leitores digitais. Também é preciso utilizar a cara tecnologia DRM para proteger os direitos autorais”, explica.

Já a L&PM acrescenta na conta das publicações eletrônicas os custos com as traduções. “Não é porque é digital que a tradução vai deixar de custar entre US\$10 mil e US\$15 mil, além do valor da editoração e das cinco revisões para garantir a qualidade da publicação”, relata o sócio da editora, famosa pelas edições de bolso com um catálogo de mais de 500 títulos digitais, Ivan Pinheiro Machado.

Mas nem todos os editores concordam com essas argumentações. Mesmo com poucas versões digitais, a Zouk tem preços diferenciados entre os livros físicos e aqueles que podem ser lidos a partir de um arquivo virtual. É o caso do *Dicionário de Trabalho e Sociologia*, escrito pelos professores da UFRGS, Antônio Cattani e Lorena Holzman. A obra que é um guia para pesquisadores da área social custa 40% do valor da edição impressa. “Imagine enviar dez exemplares para Natal ou Recife. Se um dia vender, não vou conseguir nem recuperar o dinheiro do frete. E se precisar voltar, terei de bancar o custo de retorno e estocagem. Por isso, não acredito nos argumentos que mantêm quase o mesmo preço para livros impressos e digitais”, contesta o editor-sócio Alexandre Ramos.



FLAVIO DUFRAN/JU

**No Brasil, apenas 5% dos leitores utilizam e-books, um impacto pequeno nas vendas do mercado livreiro nacional**

**Bicho-papão capitalista** – É assim que a Amazon, empresa norte-americana de comércio eletrônico situada em Seattle, Washington e que em breve chegará por aqui, é vista no mercado brasileiro. E os argumentos são fortes para corroborar essa tese. Começa pelo leitor Kindle. O aparelho é compatível somente com os títulos vendidos pela empresa. Já os valores dos livros são tão baratos que geram até prejuízo. Contudo, também podem garantir uma carteira de clientes interessados em outros produtos comercializados pelo portal de vendas.

Por isso, as editoras nacionais negociam com a livraria norte-americana, uma das primeiras empresas a vender produtos na Internet, mas resistem em baixar ao máximo o preço dos títulos.

Um exemplo é a negociação dos livros de bolso L&PM, que têm o mesmo preço sejam impressos ou digitais. “Para a Amazon não importa ganhar dinheiro com o livro, mas com o restante que vão vender. Como é uma mercadoria simpática no mercado americano, favorece a fidelização. Entretanto, a empresa quer que os editores concedam os megadescontos e arquem com o custo disso”, argumenta Pinheiro Machado.

## Self publishing: Eu publico!

A evolução dos blogs e a possibilidade de qualquer pessoa espalhar conteúdos, também favoreceu a publicação de e-livros por conta própria. Prática comum entre os escritores iniciantes, existem até cursos de ePub (software mais utilizado para formatar livros digitais), o que possibilita a edição de um livro que será lido tanto em um tablet quanto em um e-reader sem ajuda das editoras. É o caso do jornalista e professor de língua portuguesa Marcelo Spalding, que percebeu que disponibilizar a obra *Mini Contos e muito menos acessível gratuitamente* para a leitura facilitaria a divulgação das palestras que realiza nas escolas. “Como escritor ganho mais com as palestras. Por outro lado, acredito que os formatos não se excluem. Existe um público para a literatura online e outro que quer folhear a obra e guardar na estante”, considera Spalding que também tem uma versão impressa da obra em livrarias.

Para as editoras o *self publishing* não é interessante por motivos óbvios. Porém, o

argumento da qualidade e do plágio deve ser considerado, de acordo com Ivan Pinheiro Machado, editor da L&PM. “Se eu publicar *Guerra e Paz*, a Amazon vai aceitar e ainda me conceder os direitos autorais. Até porque não tem como proteger a obra pelo sistema deles. Eu mesmo já encontrei no site *A arte da guerra* de Maquiavel resumido da Wikipedia como se fosse o livro completo”, pondera.

Por outro lado, a autopublicação é uma forma democrática de abrir possibilidades mesmo para escritores conhecidos, conforme destaca a publicitária e mestrande do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS Danusa Oliveira. “Podemos perceber no mercado um movimento também dos autores experientes, além dos iniciantes, no sentido de publicar sua produção por conta própria. Alguns nomes como Stephen King e Paulo Coelho, que já passaram pelo desgaste de negociar suas obras com editoras, repercutiram suas obras em blogs e sites próprios e tiveram sucesso”, assinala.

► Redação: Ânia Chala | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br)

## DESTAQUE



Morgan Freeman e Matt Damon protagonizam o filme *Invictus*, dirigido por Clint Eastwood

# Jornalismo e esporte

**Cinema Sala Redenção** exhibe filmes que lidam com elementos simbólicos do campo esportivo

A partir de 20 de agosto, a Sala Redenção apresenta o ciclo *Cinema e Jornalismo Esportivo*. Com o objetivo de discutir temas como a identidade e o racismo, a mostra foi idealizada pela coordenadora da Sala, Tânia Cardoso de Cardoso, em colaboração com o pós-doutorando em Antropologia Social Marcelo Pizarro Noronha.

Especialista em Jornalismo Esportivo pela UFRGS, Marcelo diz que a produção acadêmica sobre o futebol e sobre outros esportes é crescente no Brasil. “Sendo a Copa do Mundo um megaevento que diz respeito a diferentes áreas e atores, a sua realização no país pode estimular as pesquisas sobre o futebol, um fenômeno tido por muitos sociólogos como um fato social”, observa. Ele acrescenta que algumas universidades brasileiras passaram a oferecer especializações em Jornalismo Esportivo, possibilitando aos profissionais que atuam nesta

área a discussão sobre os discursos midiáticos acerca do esporte e do papel deste no mundo contemporâneo.

Ao refletir sobre os limites do esporte como elemento integrador entre populações vítimas de violência, Marcelo faz a seguinte reflexão: “Os atletas são tratados comumente de forma mítica pelos espectadores-torcedores e pelos meios de comunicação, o que possibilita a criação dos ídolos. O filme *Invictus*, por exemplo, aproxima o universo do esporte ao da política, enfatizando o também mítico Nelson Mandela. Nesta obra, o líder sul-africano é representado de modo a reforçar o seu lado carismático, o que talvez tenha minimizado a exploração das tensões políticas e raciais que se fazem presentes no filme. Mas os conflitos raciais – e sociais – abordados no filme estão longe de serem resolvidos, apesar do êxito da África do Sul no cam-

peonato mundial de rugby e do esforço de Mandela para aproximar brancos e negros em seu país”, pondera o antropólogo.

Quanto à ideia da integração social pelo esporte, Marcelo diz que não é raro se associarem futebol e identidade nacional em nosso país. “É fato que o esporte tem sido utilizado como suposto meio de inclusão social, mas o nível em que este processo se dá no Brasil (e em outros países) é bastante questionável.”

Marcelo sugere ao público que for acompanhar o ciclo, que fique atento às diferentes linguagens presentes nos filmes, como a música. “É um modo de pensar a diversidade fílmica e o próprio Cinema, esta arte generosa que acolhe tantas expressões artísticas e culturais”, conclui.

A programação da mostra pode ser conferida no quadro ao lado. Mais informações no site [www.difusaocultural.ufrgs.br](http://www.difusaocultural.ufrgs.br) ou pelo telefone 3308-3933.

## CINEMA

### Sessão com Audiodescrição

Exibição de filme comentado na Sala Redenção, com entrada franca.

**ZONA DESCONHECIDA** (2009, Brasil, 52 min), de Ariana Chediak  
Sessão: 1.º de agosto, 19h

### Cinema e Terapia

Mostra organizada pelo Instituto de Psicologia. Sessões às quartas-feiras, seguidas de debates na Sala Redenção e com entrada franca.



**PARENTE É SERPENTE** (*Parenti serpenti*, 1992, Itália, 105 min), de Mario Monicelli  
Debatadora: Mara Lúcia Rossato  
Sessão: 1.º de agosto, 16h

**MINHA VIDA DE CACHORRO** (*Mitt liv som hund*, 1985, Suécia, 101 min), de Lasse Hallström  
Debatadora: Sueli Britto  
Sessão: 8 de agosto, 16h

**A CULPA É DO FIDEL** (*La faute à Fidel*, 1996, França/Itália, 99 min), de Julie Gravas  
Debatadora: Maria Aparecida Dib  
Sessão: 15 de agosto, 16h

**GABY: UMA HISTÓRIA VERDADEIRA** (*Gaby: a true history*, 1987, EUA/México, 110min), de Luis Mandoki  
Debatador: Paulo Kroeff  
Sessão: 22 de agosto, 16h

### Mostra Stanley Kubrick

Nas três primeiras semanas de agosto, a Sala Redenção dedica sua programação a Stanley Kubrick. Serão exibidos 12 filmes do diretor em sessões com entrada franca. A curadoria é de Tânia Cardoso de Cardoso, com o apoio do Centro de Entretenimento E o Vídeo Levou.

**O GRANDE GOLPE** (*The killing*, 1956, EUA, 85 min)  
Sessão: 2 de agosto, 16h

**A MORTE PASSOU POR PERTO** (*Killer's kiss*, 1955, EUA, 67 min)  
Sessões: 2 de agosto, 19h; 3 de agosto, 16h



**LOLITA** (1962, Reino Unido, 152 min)  
Sessões: 3 de agosto, 19h; 6 de agosto, 16h

**DR. FANTÁSTICO** (*Dr. Strangelove or: how I learned to stop worrying and love the bomb*, 1964, Reino Unido, 95 min)  
Sessão: 6 de agosto, 19h

**BARRY LYNDON** (*Barry Lyndon*, 1975, Reino Unido, 183 min)  
Sessão: 7 de agosto, 16h

**GLÓRIA FEITA DE SANGUE** (*Paths of glory*, 1957, EUA, 85 min)  
Sessão: 9 de agosto, 16h

**LARANJA MECÂNICA** (*A clockwork orange*, 1971, Inglaterra, 137 min)  
Sessões: 9 de agosto, 19h; 10 de agosto, 16h

**2001 - UMA ODISSEIA NO ESPAÇO** (2001: *A space odyssey*, 1968, Reino Unido/EUA, 137 min)  
Sessões: 10 de agosto, 19h; 13 de agosto, 16h

**O ILUMINADO** (*The shining*, 1980, Reino Unido, 120 min)  
Sessões: 13 de agosto, 19h; 14 de agosto, 16h



**NASCIDO PARA MATAR** (*Full metal jacket*, 1987, EUA, 116 min)  
Sessões: 14 de agosto, 19h; 17 de agosto, 16h

**SPARTACUS** (*Spartacus*, 1960, EUA, 184 min)  
Sessão: 16 de agosto, 16h

**DE OLHOS BEM FECHADOS** (*Eyes wide shut*, 1999, Reino Unido, 159 min)  
Sessão: 17 de agosto, 19h

### CineDebate Direitos Humanos

Exibição mensal de filme sobre educação em direitos humanos na Sala Redenção. As sessões têm entrada franca e são seguidas por debates.

**VERDADES E MENTIRAS** (*F for fake*, 1973, França/Itália/Alemanha, 89 min), de Orson Welles  
Sessão: 8 de agosto, 19h

### História da Arte e Cinema: Heterotopias

O ciclo exhibe filmes que debatem a produção artística. Sessão gratuita na Sala Redenção.

**MOÇA COM BRINCO DE PÉROLA** (*Girl with a pearl earring*, 2003, Reino Unido/Luxemburgo, 95 min), de Peter Webber  
Sessão: 15 de agosto, 19h

### Cinema e Jornalismo Esportivo

Programação da Sala Redenção que exibirá 16 produções com entrada

franca. A mostra foi idealizada por Marcelo Pizarro Noronha e Tânia Cardoso de Cardoso e conta com o apoio do Centro de Entretenimento E o Vídeo Levou.

**INVICTUS** (2009, EUA, 133 min), de Clint Eastwood  
Sessão: 20 de agosto, 16h

**À PROCURA DE ERIC** (*Looking for Eric*, 2009, Inglaterra, 116 min), de Ken Loach  
Sessão: 20 de agosto, 19h



**O LUTADOR** (*The Wrestler*, 2008, EUA, 109 min), de Darren Aronofsky  
Sessão: 21 de agosto, 16h

**BOLEIROS - ERA UMA VEZ O FUTEBOL** (1997, Brasil, 98 min), de Ugo Giorgetti  
Sessão: 21 de agosto, 19h

**O VENCEDOR** (*The Fighter*, 2010, EUA, 116 min), de David O. Russell  
Sessão: 23 de agosto, 16h

**HOMEBOY - CHANCE DE VENCER** (*Homeboy*, 1988, EUA, 110 min), de Michael Seresin  
Sessão: 23 de agosto, 19h

**LINHA DE PASSE** (2008, Brasil, 113 min), de Walter Salles e Daniela Thomas  
Sessão: 24 de agosto, 16h

**HOMENS BRANCOS NÃO SABEM ENTERRAR** (*White men can't jump*, 1992, EUA, 115 min), de Ron Shelton  
Sessão: 24 de agosto, 19h

**MEU NOME É JOE** (*My name is Joe*, 1998, Escócia, 105 min), de Ken Loach  
Sessão: 27 de agosto, 16h

**FALÇÃO - O CAMPEÃO DOS CAMPEÕES** (*Over the top*, 1987, EUA, 93 min), de Menahem Golan  
Sessão: 27 de agosto, 19h



**HOOLIGANS** (2005, Inglaterra, 109 min), de Lexi Alexander  
Sessão: 28 de agosto, 16h

**O CAMPEÃO** (*The champ*, 1979, EUA, 121 min), de Franco Zeffirelli  
Sessão: 28 de agosto, 19h

**UM DOMINGO QUALQUER** (*Any given sunday*, 1999, EUA, 156 min), de Oliver Stone  
Sessão: 30 de agosto, 16h

**MUNIQUE** (*Munich*, 2005, EUA, 163 min), de Steven Spielberg  
Sessão: 30 de agosto, 19h

**FUGA PARA A VITÓRIA** (*Victory*, 1981, EUA, 116 min), de John Huston  
Sessão: 31 de agosto, 16h

**O RESGATE DE UM CAMPEÃO** (*Resurrecting the champ*, 2007, EUA, 112 min), de Rod Lurie  
Sessão: 31 de agosto, 19h

### Cinema e Pensamento Africano

Mostra organizada pelo departamento e pelo PPG em História em parceria com o departamento de Educação e Desenvolvimento Social. Sessões na Sala Redenção com entrada franca.

**DOCUMENTOS DE IDENTIDADE** (*Pièces d'identité*, 1998, Congo, 97 min), de Mweze Ngangura  
Apresentação do texto “A reconstrução do discurso identitário africano em Valentin Yves Mudimbe”, de Gerson Geraldo Machevo  
Sessão: 22 de agosto, 19h

**TSOTSI: INFÂNCIA ROUBADA** (*Tsotsi*, 2005, África do Sul, 90 min), de Gavin Hood  
Apresentação do texto “As formas africanas de auto-inscrição”, de Achille Mbembe  
Sessão: 29 de agosto, 19h

### ASSUFRGS no Matiné

Exibição de filme na Sala Redenção em parceria com a ASSUFRGS. Entrada franca.



**CHEGA DE SAUDADE** (2007, Brasil, 92 min), de Laís Bodanzky  
Debatadora: Martha Royer  
Sessão: 29 de agosto, 16h

## ONDE?

► **Sala II do Salão de Atos**  
Av. Paulo Gama, 110  
Fone: 3308-3066

► **Sala Alzira Azevedo**  
Av. Salgado Filho, 340  
Fone: 3308-4318

► **Sala dos Sons**  
Av. Paulo Gama, 110 - 2.º andar  
Fone: 3308-3933

► **Sala Fahrion**  
Av. Paulo Gama, 110 - 2.º andar  
Fone: 3308-3933

► **Sala Redenção**  
Rua Luiz Englert, s/n.º  
Fone: 3308-3933

► **Salão de Atos**  
Av. Paulo Gama, 110  
Fone: 3308-3066

## MÚSICA

### Unimúsica

**ENSAIO ABERTO**  
Ensaio para o show da banda The Brothers Orchestra.  
Data: 1.º de agosto  
Local e horário: Salão de Atos, 20h  
Acesso mediante inscrição prévia pelo site [www.difusaocultural.ufrgs.br](http://www.difusaocultural.ufrgs.br) a partir de 23 de julho

### THE BROTHERS ORCHESTRA

Show com a banda porto-alegrense formada em abril de 2010 por iniciativa do trompetista Alex Jardim Prinz. A apresentação, que terá a participação da Orquestra Popular da UFRGS e do maestro Marcelo Nadruz, inclui duas novas versões de arranjos criados por Radamés Gnattali para a orquestra da Rádio Nacional, além de obras de Ary Barroso, Assis Valente, Tom Jobim e Severino Araújo.  
Data: 2 de agosto  
Local e horário: Salão de Atos, 20h  
Retirada de senhas para ingresso mediante a doação de um quilo de alimento não perecível a partir de 30 de julho, no mezanino do Salão de Atos

### Núcleo da Canção

Projeto desenvolvido pelos institutos de Letras e de Artes em parceria com o Departamento de Difusão Cultural para a troca de conhecimentos sobre a canção popular brasileira. Coordenação dos professores Luís Augusto Fischer e Luciano Zanatta.



**AUDIÇÃO COMENTADA COM ZÉ MIGUEL WISNIK**  
O compositor e ensaísta é o convidado para compor a série de audições comentadas. O encontro terá como tema o álbum duplo *Indivisível* lançado por Wisnik no final de 2011.  
Data: 6 de agosto  
Local e horário: Sala II do Salão de Atos, 19h  
Inscrições pelo site [www.difusaocultural.ufrgs.br](http://www.difusaocultural.ufrgs.br)

### Sala do Som

Projeção sonora de obras eletroacústicas.

**PUNCTUM** (2009) - MARCELO VILLENA  
Peça de música eletrônica que apresenta sonoridades curtas, trabalhadas a partir da ideia geral de criar um contraponto eletrônico.

**... (2009)** - RICARDO HERDT  
Obra que preza pela simplicidade de seus materiais, utilizando sons em sua maioria secos e percussivos.

**Ç'ÔITE: OS CAMINHOS DE SANTIAGO** (2012) - ALBERTO TUSI  
Música eletroacústica do tipo Paisagem Sonora, a peça é mais que um passeio pela interiorana Santiago, cidade natal do compositor.

**ESTUDO DE TÚNEIS** (2008) - RICARDO EIZIRIK  
Peça eletroacústica em que as motivações estéticas provêm, em parte, de observações pessoais dos túneis de Porto Alegre.

Data: 21 de agosto  
Local e horário: Sala dos Sons, 18h  
Entrada franca

## TEATRO

### Teatro, Pesquisa e Extensão

Mostra anual de trabalhos dos alunos do Curso de Teatro do Instituto de Artes da UFRGS. Apresentações com entrada franca.

**O QUE VOCÊ FOI QUANDO ERA CRIANÇA?**  
Personagens buscam desesperadamente o conforto, por meio do consumo, em um mundo no qual não importa a felicidade, mas sim parecer ser feliz. O espetáculo, adaptação de texto de Lourenço Mutarelli, é fruto da disciplina de Atuação IV, com orientação de Mirna Spritzer. Direção de Andre Belotto. Elenco: Alessandra Souza, Diego Acauan, Jessica Christmann, Juliano Rabello, Kevin Brezolin, Luiza Dalla Lasta e Renata Stein.  
Sessões: 1.º, 8, 15, 22 e 29 de agosto  
Local e horário: Sala Alzira Azevedo, às 12h30 e às 19h30

## Meu Lugar na UFRGS



FLÁVIO DUTRA/JU

### Entre satélites e rochas

O sonho de mergulhar com Jacques Cousteau e as cadeias montanhosas que ilustravam os livros de geografia como o *La Tierra e sus recursos* impregnaram a infância de Sílvia Rolim com a vontade de ser geóloga. Hoje, o lugar onde a pesquisadora permanece a maior parte do tempo é propício para inspirar os estudos que envolvem o meio ambiente. O aconchegante laboratório onde ela explica o que é uma assinatura espectral tem um dos lados voltado para um grande solário, e no outro, com paredes envidraçadas, descortina-se a mata nativa do Câmpus do Vale. É neste espaço, o Laboratório de Sensoriamento Remoto Geológico do Centro Estadual de Pesquisas em Sensoriamento Remoto e Meteorologia, em que ela estuda, pesquisa e se diverte, ensinando e aprendendo.

O lugar é mantido através do que Sílvia chama de filosofia da bagunça criativa. Mas o que significa a bagunça com criatividade quando se fala em pesquisadores? “Tem sempre um zunzunzum, uma conversa em torno dos assuntos de diferentes pesquisas, justamente o que faz com que a gente aprenda sem sentir. Por isso, criamos a regra de que, quando um aluno está com dificuldade e outro já está estudando o tema, há uma troca natural em que um terceiro que estiver por perto também estará ouvindo uma explicação. É uma interação que obviamente não se faz em silêncio. Há muita risada, acho que também por causa dessa vista e do trabalho com o meio natural. Não admito trabalhar sem diversão”, revela a pesquisadora. Além disso, para fechar as tardes de trabalho, alguns pássaros costumeiros passam fazendo algazarra com uma cantoria atípica nos centros urbanos, mas possível no Câmpus do Vale.

Apesar do clima animado e do entra e sai de estudantes e pesquisadores, a produção é contínua. Entre as imagens de satélite impressas que Sílvia espalha na mesa central do lugar dela na Universidade, chamam a atenção o visual do Litoral Norte gaúcho e as paleodunas, antigas linhas que marcam onde estiveram as dunas das praias, muito além dos limites que conhecemos hoje. “Apesar de podermos contar com as imagens do Google para nos orientarmos, nada como o sensoriamento remoto para verificar através de diferentes cores as características das formações rochosas e da vegetação”. A observação de imagens em diferentes épocas mostra também os efeitos da interferência humana sobre as paisagens, como a implantação da silvicultura nos Campos de Cima da Serra e o desmatamento da mata original.

As contribuições da Geologia e

do Sensoriamento Remoto para o meio ambiente são ilimitadas. Entre os estudos coordenados por Sílvia, há um sobre o comprometimento da Bacia do Rio dos Sinos. Com as análises realizadas a partir de imagens de satélite e saídas de campo, a pesquisa avalia os pontos mais poluídos, a localização das lavours e a captação de água, o grau de erosão do solo e a influência do regime de chuvas. Ou seja, é possível entender inclusive como ocorrem as recorrentes mortandades de peixes naquele rio. Outro estudo importante para as áreas urbanas trata da enchente de 1941, catástrofe sem precedentes na capital, quando faltaram alimentos e a população precisou deslocar-se de barco no centro da cidade. “Realizamos a simulação da inundação utilizando um modelo tridimensional com dados de altimetria de satélite. E assim temos uma ideia de até onde iria a água no caso de um novo fenômeno como aquele”, relata.

Por outro lado, a lenda da Salamanca do Jarau, imortalizada pela pena de Simões Lopes Neto, desperta a curiosidade do grupo de pesquisa de Sílvia, que em breve fará nova expedição à Quaraí, na fronteira oeste do estado. Estudos a partir de imagens de satélite mostram que o Cerro do Jarau foi formado pelo impacto de um meteorito em idade remota e, com essas imagens em mãos, é possível observar no campo a formação geológica. “Todo o derrame de rochas vulcânicas da Bacia do Paraná está sendo estudado por meio do sensoriamento remoto. Como as rochas são muito parecidas a olho nu, estamos buscando entender as diferenças através de suas assinaturas espectrais (a “identidade digital” que diferentes materiais apresentam em razão da radiação eletromagnética e a consequente cor que irradiam)”, complementa.

Já são pelos menos 10 anos de lugar carimbado na UFRGS, desde que Sílvia retornou do doutorado em Sensoriamento e Geofísica realizado na Unicamp. “Era um prédio velhinho, mas tinha esse canto que era um corredor e vislumbrei que, com uma reforma, se tornaria um baita laboratório!”. Assim, o cantinho cresceu e se tornou referência para o Programa de Pós-graduação em Sensoriamento Remoto.

Samantha Klein

Esta coluna resulta de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET diariamente, às 20h e às 23h.

## Perfil

# O médico-músico do IA

**Vilson Gavaldão de Oliveira**  
*Ao combinar suas duas paixões ele diz sentir-se realizado*

Jacira Cabral da Silveira

No papel sobre a mesa, uma caligrafia garatujada exibiu um endereço familiar: “Wilson, quem escreveu isso?”, perguntou ao filho de três anos e meio Aurora, professora de escola rural no interior de São Paulo: “Eu”, assumiu o menino que havia rabiscado o endereço da casa em Bauru. Em 8 de julho, o professor de regência do Departamento de Música do Instituto de Artes (IA) da UFRGS, Vilson Gavaldão de Oliveira, completou algumas primaveras desde o dia em que surpreendeu a mãe com seu aprendizado prematuro.

“Ela não tinha se dado conta que havia me alfabetizado”, comenta o professor, lamentando que tal bilhete não tenha sido guardado por dona Aurora, sempre tão ciosa em colecionar todos os pequenos registros do crescimento dos três filhos: Vilson, Walter, o mais velho, e Samuel, o mais novo. Ela incentivou o viés artístico em casa, inserindo os meninos em peças de teatro, apresentações musicais ou recitais nas festas da escola e da comunidade de Bauru, muitas delas organizadas pela igreja metodista que frequentavam.

Certa ocasião, encenando uma temática religiosa, uma das ovelhas do cenário teimou em abandonar o palco. Vilson, Walter e dona Aurora conseguiram contornar a situação constrangedora.

Mas o maior número de atividades que cabia a ele era de apresentações musicais. Desde muito cedo, o futuro professor da UFRGS estudou em conservatórios e teve aulas particulares de piano, cravo, órgão religioso, flauta doce e oboé. Hoje, ele credita à mãe o seu prazer pela cultura: “Ela sempre esteve à frente de nossa educação [dele e dos irmãos]”, resume.

A participação do pai, seu Francisco, ferroviário, era percebida nas decisões do casal que sempre conversava antes de se dirigir aos filhos sobre algum assunto importante. Assim como no

dia em que chamaram Vilson para falar sobre sua opção de fazer Medicina. Ao contrário da maioria dos pais que costuma incentivar os filhos a cursarem faculdades como a que Vilson escolheu, Francisco e Aurora recomendaram que ele considerasse também a possibilidade de fazer o curso superior de Música, afinal de contas era inegável sua aptidão para esta área. “A gente te apoia se quiseres fazer Música”, acentuaram.

**Pediatria** – “Tudo que desejei, consegui, não com facilidade, mas com vontade e empenho.” Em 1973, aos 18 anos de idade, Vilson foi morar com a tia na capital paulista para cursar Medicina na USP. Ele se orgulha de ter estudado em escola pública e conseguido passar de primeira no vestibular. Quanto à escolha pela área médica, atribui às frequentes visitas ao Sanatório Aimorés, em Bauru/SP, para hansenianos, no qual fazia apresentações musicais com o grupo metodista aos domingos.

Apesar das exigências do curso, Vilson não considera a Medicina como um aprendizado duro: “Seu foco é a vida, não a morte”, justifica. Ao lembrar a dificuldade de respirar nas aulas de Anatomia por conta do cheiro de formol, ele fala da primeira prova em que esqueceu a luva e teria de examinar partes do corpo humano. Buscando uma alternativa junto ao professor ouviu como resposta: “Ou você faz a prova, ou tira zero”. Por esse e por outros episódios ele afirma categórico que nunca faria Patologia: “Não é o meu negócio, eu gosto da vida”, enfatiza. Preferência que resultou na opção pela Pediatria durante a residência.

**Exército** – Antes de concluir a residência, Vilson teve sua formação médica interrompida pelo serviço militar e mudou-se para Cuiabá. Era final da década de 70 e o pelotão do qual ele faria parte atuava na abertura de estradas na Floresta Amazônica. Descobriu que havia na banda do quartel um quinteto de sax novinho “jogado num canto”. Não se conteve e começou a dar vida aos instrumentos junto com outros músicos do exército.

Quando concluiu o serviço militar, havia feito um grande número de amigos. Amizades que o fizeram prestar concurso para a Secretaria da Saúde de Cuiabá. De volta a São Paulo, soube que havia passado no concurso e deveria assumir imediatamente (1981). “Impossível”, pensou, pois precisava concluir a residência. Sua vaga foi ga-

rantida pelo secretário da saúde e ele assumiu em março de 1982, trabalhando na Emergência Pediátrica do Hospital Universitário. Mais tarde, passou no concurso da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), para o departamento de Pediatria da Medicina.

**Instituto de Artes** – “A música nunca saiu da minha vida.” Na USP participou da organização do coro da universidade e da criação de um grupo de música medieval e renascentista: “Éramos muitos calouros que tocávamos algum tipo de instrumento”, relembra.

Convidado a reger o coro da UFMT, dividia seu tempo entre a Faculdade de Medicina e a regência do coral, sendo responsável pela implantação da Licenciatura em Educação Artística. Mas, foi com o grupo de cantores do coro universitário, que Vilson ganhou reconhecimento fora do estado, realizando cursos Brasil a fora. Como professor da Fundação Nacional de Artes (Funarte), veio ao RS para dar aula de educação musical e de regência em Porto Alegre, no Instituto de Artes da UFRGS.

Depois do terceiro convite, transferiu-se de Cuiabá para assumir o Bacharelado em Regência Coral do Departamento de Música do IA, em 1992. Desde então, ministra canto coral no curso presencial de música e na modalidade EAD, experiência que ele considera reveladora em sua trajetória docente. Há 20 anos, coordena o curso de extensão em Atividades Corais.

Em 2003, Vilson foi cedido à Universidade Estadual de Londrina para organizar a atividade coral da instituição. De volta ao estado em 2007, ainda não havia reassumido o consultório de pediatria até dezembro de 2011, quando decidiu viajar ao Balneário Pinhal para sondar o interesse da secretaria de saúde daquele município em sua contratação. Por isso, na data da formatura da primeira turma de EAD em Música do IA o maestro não pode estar presente, pois desde o início do ano assumiu a emergência de Pediatria em postos de saúde de Pinhal, Tramandai e Osório. Quando se aposentar, pretende mudar-se para a casa adquirida no litoral, onde cumpre plantões de quinta a segunda-feira. As aulas no IA ficaram concentradas nas terças e quartas-feiras.

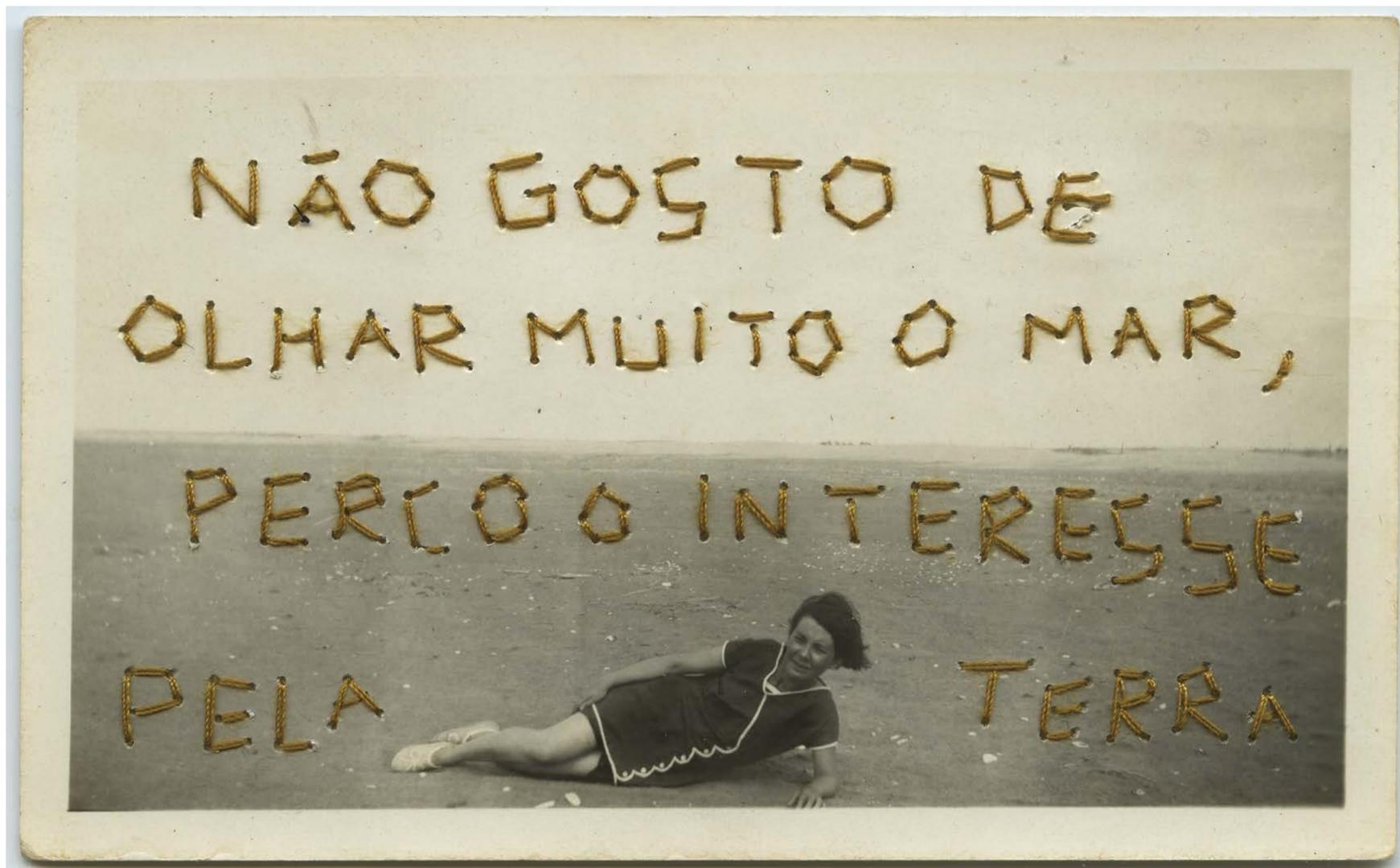
“Esse rebulição todo fez ‘reacordar’ o Vilson médico que estava adormecido, reencontro que me deixou muito feliz e me fez perceber o quanto é bom trabalhar com criança”, diz.



FLÁVIO DUTRA/JU

### Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br) e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local



# Rever

FOTOS **ROCHELE ZANDAVALLI**

As fotos desta página são parte do projeto de mestrado em Poéticas Visuais desenvolvido junto ao programa de Pós-graduação do Instituto de Artes da UFRGS por Rochele Zandavalli e que terá sua defesa pública neste mês de agosto. São imagens encontradas em briques, feiras e antiquários de Porto Alegre e outras cidades, que são colorizadas e/ou bordadas pela artista.

“Trato, nesta pesquisa, da minha busca por imagens perdidas, fotografias descartadas... Do encontro com retratos que haviam sido vistos como preciosos documentos, para cristalizar e assim eternizar uma presença. Eu as escolho e elas encontram cores, laços, pontos, costuras, texto. Penso sobre esta procura, me aproprio de retratos fotográficos: existe algo neles que me faz querer rever, reler estas imagens. Não se trata do resgate do afeto e da significação originais, pois esses já estão perdidos. Há uma substituição por outro afeto e por outra significação. Trata-se de lidar com retratos cujo sentido é por mim ressignificado”, revela a autora.

A série foi produzida entre os anos de 2009 e 2012 e a orientação do trabalho foi do professor Alexandre Santos, do Instituto de Artes da UFRGS.



**ROCHELE ZANDAVALLI** É FORMADA PELO INSTITUTO DE ARTES E MESTRANDA EM POÉTICAS VISUAIS NA UFRGS. A MOSTRA “REVER” ESTEVE EM EXPOSIÇÃO NO SANTANDER CULTURAL EM ABRIL DESTA ANO, DENTRO DO “PROJETO RS CONTEMPORÂNEO”.

